

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

CAMPUS BACABAL

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

GUILHERME HENRIQUE LOPES BRITO

IRAD LOURA EVANGELISTA CORREA

THAYS DE JESUS SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA ADULTOS E IDOSOS: Proposta
metodológica para aprendizagens alfabéticas iniciais

BACABAL - MA

2024

GUILHERME HENRIQUE LOPES BRITO
IRAD LOURA EVANGELISTA CORREA
THAYS DE JESUS SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA ADULTOS E IDOSOS: Proposta
metodológica para aprendizagens alfabéticas iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - Campus Bacabal, como requisito para obtenção do Título de Graduado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Oliveira da Silva

BACABAL - MA

2024

Brito, Guilherme Henrique Lopes.

Alfabetização e letramento para adultos e idosos: proposta metodológica para aprendizagens alfabéticas iniciais / Guilherme Henrique Lopes Brito, Thays de Jesus Silva, Irad Loura Evangelista Correa. - Bacabal - MA, 2025.
63 f.

Proposta de Intervenção (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Oliveira da Silva.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Silva, Thays de Jesus. II. Correa, Irad Loura Evangelista. III. Título.

CDU: 374.7:372.4

GUILHERME HENRIQUE LOPES BRITO
IRAD LOURA EVANGELISTA CORREA
THAYS DE JESUS SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA ADULTOS E IDOSOS: Proposta
metodológica para aprendizagens alfabéticas iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - Campus Bacabal, como requisito para obtenção do Título de Graduado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Oliveira da Silva

Data: 05/02/2025

Nota: 10

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosângela Silva Oliveira
(Orientadora)

1º Examinador (a)

2º Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Externamos nossos agradecimentos em primeiro lugar a Deus, que agiu em todo o tempo, mesmo quando não percebíamos, nestes anos como universitários e em todos os momentos dando-nos força, sabedoria e coragem. Estamos certos de que foi Ele que nos conduziu para trilharmos este caminho.

Agradecemos a nossa orientadora, professora Rosangela Oliveira da Silva, por dividir conosco um pouco do seu conhecimento e por todo o tempo dedicado à nossa orientação.

À Universidade Estadual do Maranhão e ao programa Mais Extensão por fomentar o projeto Multiletramentos Culturais, que através das vivências possibilitadas nos instigou sobre esta temática e, conseqüentemente, despertou um olhar mais reflexivo sobre a necessidade de formar alfabetizadores.

Aos familiares e amigos que estiveram conosco nesta caminhada e, em tempos difíceis, nos ajudando de diferentes formas a ter motivação para continuar essa jornada até o fim.

A todos os professores do curso de Pedagogia do Campus Bacabal que estiveram conosco durante esta trajetória. Os conhecimentos construídos a partir de suas aulas contribuíram para que tivéssemos uma formação exitosa.

A Educação é um ato de intervenção no mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

Essa proposta tem por objetivo propor orientações metodológicas para aprendizagens alfabéticas iniciais de adultos e idosos. Justifica-se pela necessidade de estimular o aumento do número de alfabetizadores e diminuir o número de pessoas analfabetas que vivem à margem da sociedade. Fundamentados em estudos bibliográficos dos autores Freire (2000), Soares (1998), Ferreiro (1999) Vasconcelos(1999) com ênfase na qualitativa. Por meio dos resultados espera-se que essa proposta promova de reflexões e ações sobre a prática alfabetizadora de adultos e idosos levando em consideração os seus conhecimentos prévios e respeitando as singularidades de cada um; instigando-os e motivando-os a partir de uma prática problematizadora que contemple a diversidade textual presente na sociedade.

Palavras- chave: Alfabetização; Letramento; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This proposal aims to propose methodological guidelines for initial alphabetic learning for adults and the elderly. The need to increase the number of literacy teachers and reduce the number of illiterate people who live on the margins of society is justified. To carry out the research, we opted for research with a qualitative approach and bibliographical research based on Freire (2000), Soares (1998), Ferreiro (1999). Through the results of the research, it is concluded that there is a need for reflection on the literacy practice of adults and the elderly, considering their previous knowledge and respecting the singularities of each one, instigating and motivating them through a problematizing practice that contemplate the textual diversity present in society.

Keywords: Literacy; Literacy; Youth and Adult Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura de bilhete	18
Figura 2 – Atividade: bilhete	19
Figura 3 – Estrutura de receita	20
Figura 4 – Estrutura de carta	21
Figura 5 – Estrutura de e-mail a ser construído	23
Figura 6 – Lista de compras	24
Figura 7 – Sequência didática	23
Figura 8 – Organograma: percurso dialético da construção do conhecimento	31
Figura 9 – Organograma dos critérios para construção do conhecimento	33
Figura 10 – Modelo de bingo e cartela de palavra usada no bingo	38
Figura 11 – Cartela para usar no bingo	38
Figura 12 – Palmas para sílaba	39
Figura 13 – Batalha de rimas	39
Figura 14 – Tampinhas com sílabas	40
Figura 15 – Quebra-cabeça com sílabas	40
Figura 16 – Jogo da memória com palavras	41
Figura 17 – Jogo da memória com letras	41
Figura 18 – Formar frases com palavras móveis	41
Figura 19 – Primeiro nível da escrita	45
Figura 20 – Segundo nível da escrita	46
Figura 21 – Atividade: complete a frase	47
Figura 22 – Atividade: preencher quadros com sílabas	47
Figura 23 – Terceiro nível da escrita	48
Figura 24 – Palavras cruzadas	49
Figura 25 – Quarto nível da escrita	49
Figura 26 – Atividade de rimas	54
Figura 27 – Contar palavras	55
Figura 28 – Organizar palavras	55
Figura 29 – Atividade de ligar as sílabas e construir palavras	56
Figura 30 – Identificar sílabas iniciais, intermediárias e final	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ANALFABETISMO ENTRE ADULTOS E IDOSOS BRASILEIROS	11
3 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA AS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS ALFABETIZANTES.....	14
3.1 Orientações didáticas para a exploração dos diversos gêneros textuais na alfabetização de adultos e idosos	17
3.2 Orientações didáticas para explorar sequências didáticas na alfabetização de adultos e idosos.....	24
3.3 Aprendizagens essenciais em práticas sociais reais	26
4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ESTRUTURA DIDÁTICA DA PRÁTICA EDUCATIVA	29
4.1 Percurso dialético da construção de conhecimento	31
4.2 Etapas do letramento alfabético	32
4.3 Letramento e ludicidade	35
5 NIVEIS DE ALFABETIZAÇÃO: COMO DIAGNOSTICAR?.....	43
5.1 Nível pré-silábico	45
5.2 Nível silábico	46
5.3 Nível silábico-alfabético.....	48
5.4 Nível alfabético.....	49
6 PRINCÍPIO ALFABÉTICO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: COMO AGIR?.....	51
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento de adultos e idosos representam um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade significativa para promover a inclusão social, a cidadania e o exercício pleno de direitos. Este processo, quando bem orientado, é capaz de transformar vidas, proporcionando a esses indivíduos o acesso a novas formas de comunicação, informação e participação na sociedade.

O analfabetismo é um dos principais desafios a serem enfrentados no país atualmente, pois causa um grande impacto àqueles que sofrem com esse problema. Mesmo que o número tenha diminuído nos últimos anos, o Brasil ainda enfrenta uma taxa alta de pessoas com 15 anos ou mais que ainda não sabem ler ou escrever, sendo mais de 9,6 milhões de brasileiros, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Gomes; Ferreira, 2023).

O que é algo positivo, se for comparado o percentual dos anos anteriores, que em 2019 chegava a 6,1% e sofreu uma queda para 5,6% em 2022. Porém, com a desigualdade que existe no país, a porcentagem de analfabetismo cresce ainda mais para pessoas pretas e pardas, que encontra o dobro de dificuldades para conseguir uma educação de qualidade. Portanto, é indispensável trazer melhorias para a Educação de Jovens e Adultos, especificamente na alfabetização, que é uma etapa que garantirá que o público-alvo mencionado retorne a sua participação ativa na sociedade, possibilitando que eles consigam compreender melhor o mundo que os rodeia por meio da leitura e da escrita.

Esta proposta justifica-se pela carência de professores alfabetizadores, assim a estudo aqui proposto visa aumentar o número de alfabetizadores, visando consequentemente contribuir diretamente para que o número de adultos e idosos analfabetos diminua e estes tornem-se cidadãos cada vez mais ativos na sociedade.

O objetivo deste trabalho é propor orientações metodológicas para a formação de alfabetizadores de adultos e idosos visando apresentar reflexões teórico-metodológicas de como deve acontecer este processo, descrevendo estratégias para o desenvolvimento de diretrizes pedagógicas eficazes e adaptadas as especificidades deste público.

Este estudo foi realizado através de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa analisando as obras de autores como Magda Soares (1998), Paulo Freire (2000), Emília Ferreira (1999), Vasconcelos (1999) etc.; que se destacam

pelas singularidades que devem ser respeitadas durante o processo de alfabetização e letramento para que assim o processo venha a ser exitoso.

Ao explorar as orientações metodológicas aqui propostas os alfabetizadores poderão desenvolver uma prática que contemple os diversos gêneros textuais presentes na sociedade e, conseqüentemente, conseguirão identificar os níveis de escrita dos alfabetizandos, o que permitirá utilizar atividades para que haja um progresso dentro do processo.

Nota-se que com os avanços sociais as pessoas analfabetas tendem a ficar cada vez mais a margem da sociedade e por isso urge a necessidade de diminuir esta problemática, sobretudo para que tenham mais dignidade e consigam ler, interpretar e compreender as informações e o mundo que os rodeia.

Espera-se que por meio das reflexões aqui propostas o número de alfabetizadores com prática educativa seja ampliada tornando assim uma ação reparadora de extrema urgência para que o número de analfabetos venha a diminuir cada vez mais, possibilitando que mais pessoas consigam uma emancipação e uma libertação social.

2 O ANALFABETISMO ENTRE ADULTOS E IDOSOS BRASILEIROS

A educação é um direito de todos garantido pela Constituição Federal de 1988, no artigo 205. Além disso, o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 também regulamentam esse direito para toda criança, jovem, adulto e idoso. Com a educação, o cidadão pode participar ativamente na sociedade e ser qualificado para o trabalho. Apesar de garantido por lei, existem impasses que prejudicam o acesso e a permanência dos alunos em sala de aula, especialmente para jovens e adultos, como mostra o censo do IBGE em 2022:

Apesar de ainda ser a mais alta, a taxa de analfabetismo entre a população com 65 anos ou mais caiu cerca de 38%, em 2000, para 20,3%, em 2022. O atual índice representa uma diferença de 8 pontos percentuais em relação aos brasileiros com idades entre 60 e 64 anos (Dias, 2024, n.p.).

O que se percebe, é que embora as taxas de analfabetismo tenham caído em todas as faixas etárias, adultos e idosos ainda são os que menos sabem ler e escrever. Considerando que o primeiro princípio estabelecido pelo Artigo 206 é a igualdade de condições para acesso e permanência na escola, observa-se grandes desafios para esse público-alvo. Nesse contexto, a educação para jovens e adultos busca atender esse cidadão que por diversos fatores não teve condições de concluir ou sequer acessar a escola, oportunizando a ampliação de perspectivas quanto ao ensino.

É obrigação do Estado fornecer o acesso à educação básica para estes indivíduos conforme é assegurado pelo artigo 208 da Constituição Federal de 1988.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; [...] VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; [...] VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) [...]

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. (Brasil, 1988, n.p.).

Sendo assim assegurados legalmente, os alunos dessa modalidade ganham mais visibilidade e incentivos para buscarem concluir a educação básica e usufruir de seus benefícios ao decorrer da vida.

As diretrizes e bases da educação nacional no artigo 37 reafirma que a Educação de jovens e Adultos (EJA) concede o acesso ou sua continuidade à Educação no ensino fundamental e médio na sua idade própria:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018). § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (Brasil, 1996, n.p.).

Quanto ao público-alvo da Educação de Jovens e adultos, Di Pierro (2017) esclarece que são pessoas jovens, adultas e idosas pertencentes aos estratos sociais de baixa renda cujo direito à educação foi violado na infância ou na adolescência em virtude de preconceitos, de ausência ou distância de escolas, de trabalho precoce e frequência breve ou descontínua a instituições de ensino de má qualidade, onde não tiveram êxito na aprendizagem. Ainda acrescenta que é aquela parcela da juventude que teve acesso à escola na infância e adolescência, porém não logrou sucesso na aprendizagem, realizando percursos acidentados, marcados por reprovações e abandonos. Esses jovens procuram alternativas de reinserção no sistema educativo e aceleração de estudos.

Sob esse viés, Haddad (2017, p. 142) explica que a persistência de enormes contingentes de pessoas jovens e adultas analfabetas ou com baixa escolaridade não pode ser analisada de maneira isolada, mas sim como mais um indicador da desigualdade no Brasil e da falta de acesso aos direitos básicos de cidadania, portanto, como causa e consequência da pobreza e da exclusão social.

Ribas e Soares (2012) explicam que a problemática se agravou por uma certa expectativa de resultados no que diz respeito a avaliação, legitimando esses resultados de muitas experiências até hoje desenvolvidas. Dessa forma, todo o percurso da EJA em nosso país ao longo do tempo está inclinado a favorecer, com essa expectativa, que os jovens e adultos entrem no sistema escolar, mas não

permaneçam e, conseqüentemente, a sua expulsão do sistema via reprovação ou evasão escolar.

No Maranhão, uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que as ações de alfabetização realizadas pelo Governo do Estado obtiveram êxito. Em 2019, a taxa de analfabetismo era de 14,6% e o dado divulgado apontou uma redução de 2,5 pontos percentuais em relação ao dado de 2022 (12,1%) – a maior diminuição entre todas as unidades da federação para o período entre 2019 e 2022.

Em anos anteriores, a mesma pesquisa do IBGE mostra que no Maranhão, em 2019, havia 823 mil pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 15,6%. Essa é a 4ª maior taxa de analfabetismo dentre as Unidades da Federação, menor apenas que as taxas apresentadas pelos estados de Alagoas (17,1%), Paraíba (16,1%) e Piauí (16%). A taxa de analfabetismo do Brasil era de 6,6%. Percebe-se então que as ações do governo do Maranhão obtiveram respostas satisfatórias referente ao analfabetismo para as crianças, os jovens e os adultos.

Entretanto, é perceptível que investir na formação de alfabetizadores se torna uma prática indispensável para que assim o analfabetismo venha a diminuir cada vez mais. Fomentar a educação de jovens e adultos é uma ação de reparação para com aqueles que precisam/retomam a vida estudantil.

Dentre as estatísticas das pessoas analfabetas se encontram uma quantidade significativa de idosos. O Estatuto da pessoa Idosa aprovado pela Lei nº10.741/2003 e reformulado pela lei nº 14.423/22 em seu artigo 21, vai assegurar que este público tenha acesso a educação e tenha um ensino pensado para atender as suas necessidades.

“Art. 21. O poder público criará oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ela destinados” (Brasil, 2022).

Dessa forma ao planejar as práticas alfabetizadoras, os alfabetizadores devem reconhecer as especificidades dos alunos e valorizar as singularidades individuais de cada um deles desenvolvendo um ensino que venha contemplar a todos sem favorecer uns sobre os outros.

3 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA AS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS ALFABETIZANTES

Os professores que atuam na modalidade da educação de jovens e adultos necessitam buscar sempre atualizar suas metodologias e suas mediações pedagógicas. Sabe-se que o público-alvo desta modalidade são pessoas que retornaram e precisam ver uma significação da teoria com a prática para que assim possam se manter motivados a persistir na sua vida estudantil.

É de suma importância que os educadores visem incentivar e buscar junto com seus alunos que eles alcancem seus objetivos. Para que esta mediação venha ser exitosa o professor não pode infantilizar este processo. Gadotti lembra que:

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas está começando. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois a sua condição de analfabeto lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar, diante de um mundo que sempre o silenciou (Gadotti; Romão, 2008, p. 59).

Infantilizar esse processo é, na verdade, menosprezar a bagagem de conhecimentos prévios e atrasar o processo de ensino. Alfabetizar é inserir o alfabetizando no seu próprio contexto como cidadão crítico; ou seja, a alfabetização é um direito e independe de faixa etária, gênero ou classe deve-se considerar as especificidades de cada processo.

Segundo o educador popular Paulo Freire:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educação e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (Freire, 1996, p. 58).

Mediante os avanços educacionais presentes na sociedade, muitos educadores e educandos não tem uma relação horizontal e sim vertical. É perceptível

que muitos educadores não buscam aprimorar suas práticas pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem acaba sendo visto pelo educando como algo distante da sua capacidade.

Dentro do processo de alfabetização é de suma importância que o educando veja uma comunhão entre a teoria que ele tem contato na escola com o seu cotidiano, para que assim venha a fazer sentindo aquela aprendizagem que está sendo construída.

Para que essa práxis aconteça com êxito o professor alfabetizador precisa conhecer a realidade dos alfabetizandos para que possa trazer temas que o motivem, que valorizem as suas singularidades e possa também despertar uma criticidade nos alunos em relação a sua posição social e como poderão ascender socialmente através da leitura e da escrita.

Como está registrado na Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos (segundo segmento) no portal do Ministério da Educação:

O processo de aprendizagem deve desenvolver e fortalecer a autonomia de cada aluno para recriar o que foi aprendido, capacitando-se no campo das relações humanas, sociais, políticas, econômicas, culturais, no direito ao trabalho, à terra, à educação, etc. (Brasil, 2002, p. 203).

O educador deve sempre buscar aprimorar seus métodos e suas técnicas para que o processo ensino-aprendizagem não se torne algo mecânico e que não busca valorizar a diversidade do seu alunado.

O pesquisador José Araújo diz que:

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática (Araújo, 2006, p. 27).

Usufruir das diversas metodologias são ferramentas indispensáveis para favorecer a autoestima dos alunos e buscar mantê-los assíduos e instigados no processo de alfabetização. O educador deve manter um diálogo claro e objetivo com seus alunos mostrando exatamente: Por que estudar determinado assunto? Para que

isso vai ser útil? Assim os alunos irão conseguir perceber a importância e a utilidade da alfabetização e do letramento para o seu dia a dia.

Uma educação de qualidade deve ser emancipatória, despertando assim a criticidade no educando. O trabalho pedagógico na EJA “(...) tem de partir de sujeitos que tem voz, que tem interrogações, que participam do processo de formação” (Arroyo, 2006, p. 26). Ou seja, o educando precisa ter suas singularidades respeitadas e se sentir parte no processo de alfabetização. É notório que por estarem na condição de analfabetos, aqueles indivíduos se sentem excluídos e silenciados. Existindo assim uma necessidade de valorizar a sua trajetória e potencializar o seu desejo de continuar estudando.

Dentro das salas de aula da modalidade de ensino EJA existem perfis diferentes, idades diferentes, culturas diferentes e essa heterogeneidade precisa ser valorizada e contemplada dentro da prática pedagógica. Sendo assim, o alfabetizador precisa instigá-los a expressar os seus conhecimentos prévios sobre a temática que está sendo estudada para que assim o alfabetizando perceba que ele já tem um saber que precisa ser sistematizado, e que com o auxílio do professor esse saber poderá ser potencializado e ele o usará socialmente.

Realizar uma pesquisa para conhecer os anseios do seu alunado também se torna uma eficiente orientação metodológica para que o professor/alfabetizador possa buscar atender essas demandas por meio de suas práticas alfabetizadoras. Desde aprender escrever o nome próprio; ler o nome dos medicamentos e buscar uma promoção na empresa, por exemplo.

O aluno deve ser o centro desse processo, o principal protagonista na construção do seu conhecimento sentindo-se valorizado, incluído e com voz ativa. O professor deverá sempre despertar o interesse para que eles participem ativamente das aulas estimulando-os para saírem da condição de oprimidos.

O educador Paulo Freire enfatiza que: “Saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 47). Ou seja, o professor não é o detentor do conhecimento, mas aquele que irá desenvolver estratégias para que o aluno construa o seu conhecimento a partir das suas vivências.

3.1 Orientações didáticas para a exploração dos diversos gêneros textuais na alfabetização de adultos e idosos

Dentro do processo de alfabetização é de suma importância que o professor alfabetizador faça com que o educando seja não somente alfabetizado mais também letrado. Não saiba somente codificar e decodificar as letras; saiba também fazer o uso social da língua.

Nessa perspectiva, o professor deve trabalhar com gêneros textuais presentes na realidade dos seus alunos, especificando a utilidade de cada um para que saibam ao final do processo não somente ler as informações que ali se encontram, mas também interpretar aquela mensagem.

A educação de qualidade é aquela que promove o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Libâneo, 2001, p. 53).

Sendo assim, a prática pedagógica pensada pelo professor deve conter elementos que vão favorecer o seu desempenho tanto individual como coletivo no meio social. Suprindo assim as suas necessidades corriqueiras e por meio da educação conseguir um trabalho e conseqüentemente favorecer o seu interesse em participar ativamente de outras atividades na sociedade.

Trabalhar os diferentes gêneros textuais que nos rodeiam socialmente poderá fomentar o processo de comunicação social, visto que eles transmitem uma mensagem, como poderá roborar o processo de escrita através da produção textual dos gêneros que poderá ser pensada de acordo com cada nível de alfabetização dos alunos.

Conhecer e compreender a estrutura dos gêneros textuais são práticas indispensáveis para favorecer o aprendizado e como poderão usufruir deles diariamente. Segundo Silva (2017, p. 5) “o aluno precisa conhecer os gêneros para entender mais facilmente a fala e saber adequá-la as diversas situações comunicativas, e o professor como mediador dessa atividade deve instigar os alunos a produzir e interpretar diversos gêneros”.

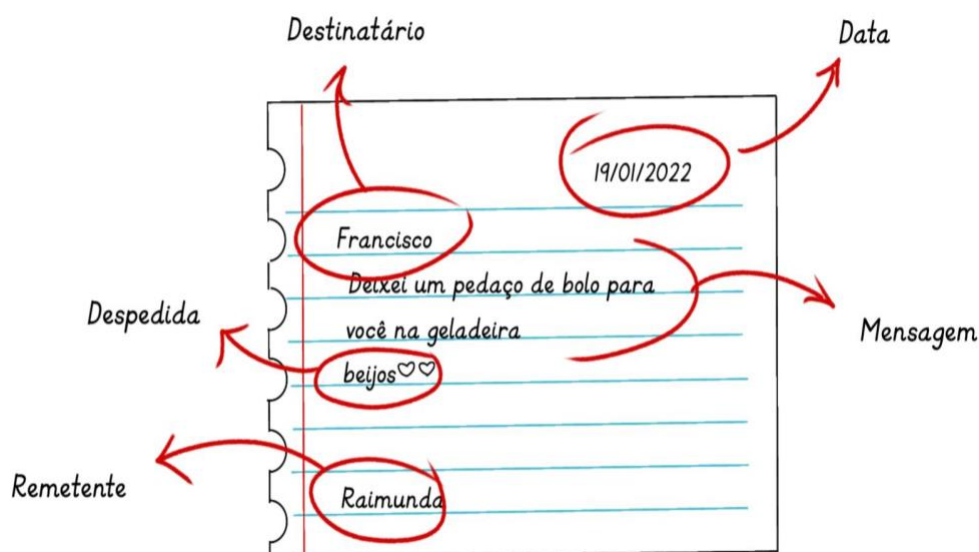
Assim, o professor deverá agir como facilitador desse processo de construção dos conhecimentos, apresentar diferentes gêneros textuais, suas finalidades, estruturas e por fim os alfabetizandos irão conseguir usufruir melhor da comunicação social e interagir de diferentes maneiras com o próximo ao seu redor.

Ao estudarmos os diversos gêneros textuais em sala de aula, levamos em conta seus usos e funções sociais numa determinada situação comunicativa. É através desse contato direto e consequente análise de suas características que as aulas perdem a característica de modelo pronto e acabado, já que o gênero varia de acordo com a situação, possibilitando uma interação mais significativa com o texto, ampliando as condições para a construção de novos conhecimentos, o que vem a enriquecer cada vez mais o processo de letramento do aluno (Farias, 2008, p. 182).

Fazer o uso dos diversos gêneros textuais possibilita a construção de novos conhecimentos sobre a importância de cada gênero para o processo de comunicação e para o bom funcionamento da sociedade. Vale ressaltar que ao apropriar-se e compreender as características de cada um deles favorece o letramento individual e coletivo dos alfabetizandos, onde poderão interagir e usufruir deles diariamente.

O bilhete é um gênero textual bem oportuno para trabalhar durante a alfabetização, onde a princípio o professor deverá realizar uma conversa para apresentar a estrutura sintática do bilhete, enfatizando a necessidade da sua estrutura ser respeitada já que é isso que o caracteriza como bilhete.

Figura 1 - Estrutura de bilhete

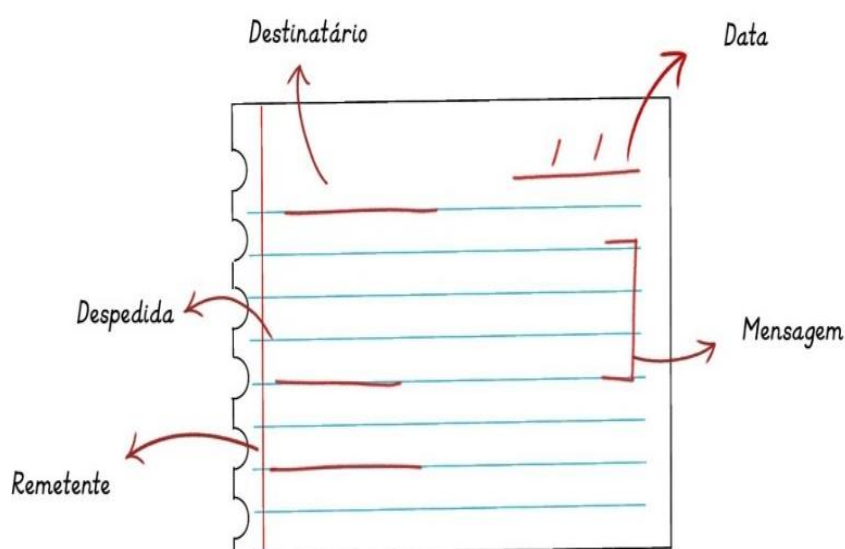


Fonte: Autores (2024)

Durante a prática pedagógica o professor deve salientar a importância de usar letras maiúsculas para colocar o nome do destinatário e do remetente já que são nomes próprios, enfatizar sobre ser um texto curto, a utilização das expressões de despedidas e sobre a utilização da data para não haver falha na comunicação caso o bilhete seja encontrado em outra data que não se enquadre a mensagem.

Após essa interação com o gênero eles deverão organizar utilizando o modelo disponibilizado pelo professor o texto do bilhete e distribuir as informações nos locais adequados, treinando assim a escrita e o uso social da língua. Uma sugestão é pedir que ao organizarem a mensagem na estrutura disponibilizada, eles se tornem os remetentes para que assim possam treinar a grafia do nome.

Figura 2 - Atividade para o bilhete



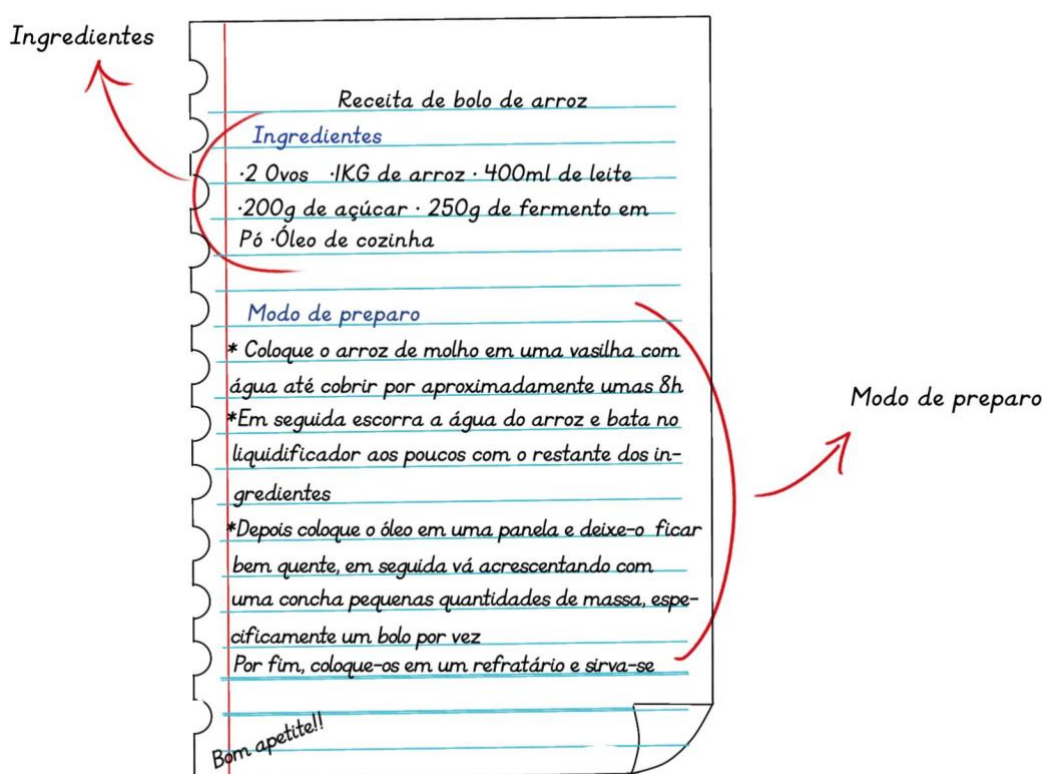
Fonte: Autores (2024)

Outro gênero textual para potencializar a alfabetização é a receita. Geralmente por já serem jovens, adultos e idosos eles pouco seguem as quantidades e o modo de preparo a risco de muitos alimentos preparados no dia a dia. Por já carregarem uma determinada experiência fazem a maioria das preparações somente de forma mais intuitiva.

Porém, é válido ressaltar a importância de usar a receita para evitar que a comida não saia da maneira desejada e até mesmo o desperdício de alimentos caso este seja preparado em grandes quantidades. Durante a prática pedagógica o alfabetizador necessita apresentar projetando ou por escrito no quadro o gênero

estudado e enfatizar em quantas partes ele é dividido, sobre as unidades de medidas presentes nos ingredientes e sobre a importância de seguir o modo de preparo e respeitar a quantidade exigida nos ingredientes.

Figura 3 - Estrutura de receita



Fonte: Autores (2024)

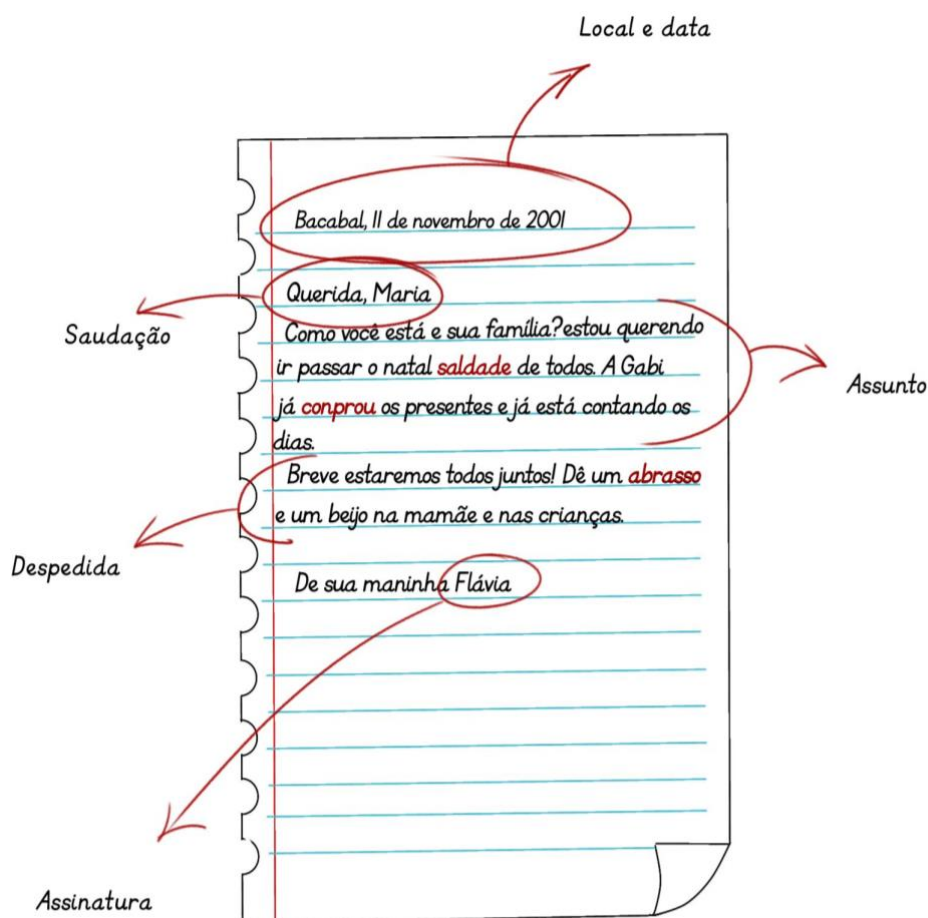
É de grande valia compartilhar entre si receitas de suas preferências, ouvir se eles têm receitas de família, se já se frustraram por não seguirem a risca o que estava se pedindo, etc. Após essa socialização o alfabetizador poderá pedir que levem pra apresentarem uma receita de sua preferência e por fim realizar uma atividade de fixação com essas receitas onde deverão apresentá-las para os colegas dizendo o que é, em quantas partes ela está dividida, citar as unidades de medidas presentes nela e porquê a escolheram pra fazer partilha.

Com os avanços tecnológicos e as mudanças sociais é perceptível que o uso de cartas se tornou uma prática pouco utilizada, porém é indispensável ressaltar a importância que elas têm para a História e como podem servir de fontes e como contribuíram para a comunicação em outras épocas.

Dessa forma, explorar este gênero textual pode propiciar aos educandos um regaste cultural e até mesmo um aprofundamento na sua identidade. Ao introduzir a aula a professora poderá por meio de uma conversação perguntar se eles possuem cartas guardadas, se já escreveram ou presenciaram alguém escrevendo para uma pessoa próxima, se já se imaginaram lendo ou escrevendo a própria carta e por conseguinte o alfabetizador pode explicar que existem diferentes tipos de cartas e que todas são necessárias na sociedade e se considerar oportuno citar cada uma delas: pessoal, apresentação, reclamação.

Continuando o estudo o alfabetizador vai ler uma carta pessoal que contém palavras escritas com a grafia incorreta e os alfabetizandos irão realizar a correção dessas palavras favorecendo assim a escrita e a ortografia que são etapas imprescindíveis durante a alfabetização assim como o uso social da língua.

Figura 4 - Modelo de carta



Fonte: Autores (2024)

Em uma sociedade onde o uso das tecnologias é uma prática comum entre os indivíduos, conhecer e aprender usar e-mails é uma atividade essencial no decorrer da vida, especialmente na prática pedagógica para adultos e idosos que são pessoas que em muitos casos têm pouco conhecimento sobre.

Por isso, elaborar aulas/atividades que contemplem esse gênero pode favorecer tanto no desenvolvimento educacional, pessoal e profissional desse público-alvo, sobretudo para fazer o uso para se comunicar com empresas, fazer uma reclamação de uma compra, confirmar um pedido e dentre outras situações cotidianas.

Pensando nisso o alfabetizador deve apresentar para os alfabetizandos a estrutura de um e-mail, sua linguagem, significado do nome frisando a importância de se conhecer e usar este gênero, enfatizando as suas diferenças dos outros gêneros como carta e bilhete. Explicar sobre os elementos de um e-mail: assunto, saudação corpo do e-mail e o fechamento ressaltando o uso de uma linguagem adequada para cada público que se destina o texto.

Realizar a leitura de diferentes e-mails se torna indispensável para que os alfabetizandos se envolvam melhor e compreendam cada item do e-mail, durante a leitura o alfabetizador poderá enaltecer cada parte para que assim o aprendizado venha a ser mais dinâmico.

Em seguida juntamente com o professor alfabetizador eles irão construir coletivamente um e-mail para uma empresa que está recebendo currículos, assim irão escolher qual o cargo irão ocupar e com o auxílio do alfabetizador irão desenvolver a mensagem que será enviada, onde deverão estar atentos as expressões que serão usadas como: Prezado(a) e atentamente, o que colocar no assunto e as palavras escolhidas. Após construírem a mensagem irão anexar o currículo e fazer o envio.

Figura 5 - Modelo de e-mail a ser construído

De:		Enviar
Para:		Anexar Arquivos
Assunto:	Candidatura à vaga de [Cargo] - [Cargo]	

Prezado(a) [Nome ou Responsável da Empresa],

Gostaria de me candidatar à vaga de [Cargo] anunciada pela sua empresa. Tenho experiência em [área relacionada], e acredito que posso contribuir positivamente para a equipe.

[Breve descrição das qualificações e experiências profissionais].

Fico à disposição para uma entrevista e para fornecer mais informações, caso necessário. Agradeço a atenção e aguardo um retorno.

Atenciosamente,
[Nome Completo]

Fonte: Autores (2024)

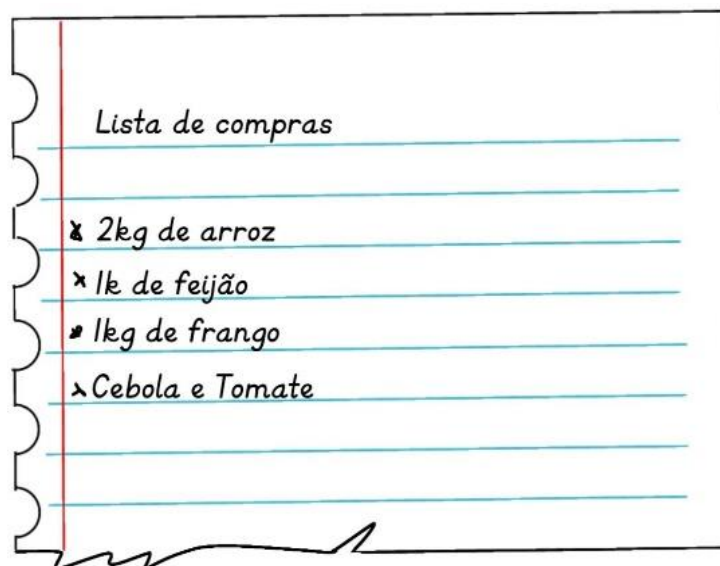
Dentre a diversidade de gêneros para trabalhar no processo de alfabetização a lista é uma estratégia eficaz para desenvolver a leitura e escrita de forma prática e conectada à realidade cotidiana dos alunos. As listas são comuns em diversas situações do dia a dia, como na organização de compras, afazeres domésticos ou tarefas de trabalho.

Ao explorar esse gênero, o professor pode propor atividades que envolvam a elaboração de listas de itens relacionados a temas de interesse dos alunos, como lista de compras, listas de tarefas ou listas de coisas favoritas. Isso facilita a compreensão do formato e da função da lista, ao mesmo tempo que promove a aquisição de habilidades de escrita, organização de ideias e atenção à estrutura do texto. O processo também estimula a participação ativa dos alunos, ao relacionar a prática com sua vivência.

Geralmente os itens que compõem as listas não ficam em ordem alfabética, porém ao desenvolver uma prática alfabetizadora o alfabetizador poderá pedir que ao organizarem as listas das atividades propostas eles coloquem os itens na ordem, o

que resultará em um aprofundamento na ordem que ficam as letras no alfabeto e como esta ordem é importante para a organização.

Figura 6 - Lista de compras



Fonte: Autores (2024)

É notório as vantagens de trabalhar dentro da alfabetização com a diversidade de gêneros presentes na sociedade para que assim os alfabetizandos possam além de se apropriar da leitura e da escrita compreendam a importância de cada gênero para o funcionamento da interação social.

Isso proporciona aos aprendizes a capacidade de compreender e interpretar diferentes tipos de textos, como informativos, literários, publicitários e instrucionais, que fazem parte do cotidiano. Além disso, ao explorar esses gêneros, é possível contextualizar o aprendizado nas experiências e necessidades de vida dos alunos, tornando o processo mais significativo e motivador. Dessa forma, a alfabetização se torna uma ferramenta poderosa de inclusão social, autonomia e participação ativa na sociedade.

3.2 Orientações didáticas para explorar sequências didáticas na alfabetização de adultos e idosos

Para potencializar o processo de alfabetização uma sugestão de grande valia são as SD (Sequências Didáticas) que são desenvolvidas ao longo de várias

aulas e são elaboradas a partir de objetivos específicos para serem alcançados ao final de sua execução. São pensadas e executadas de maneira interativa entre o professor e o aluno.

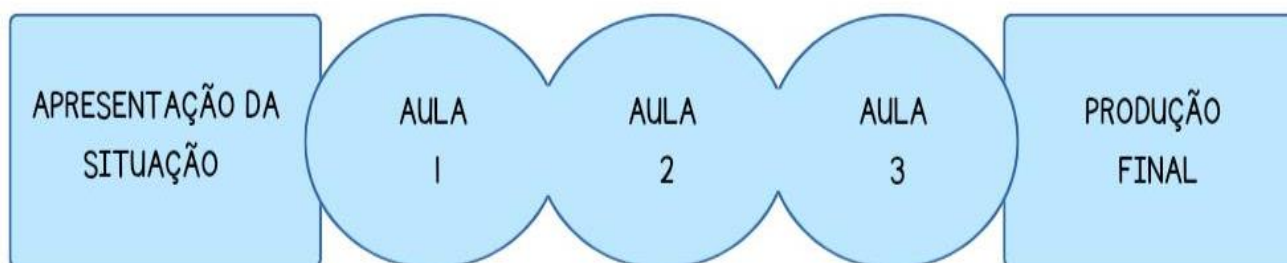
As sequências didáticas se tornam indispensáveis por propiciar para o professor ótimas oportunidades de avaliar o desenvolvimento dos alunos no decorrer das aulas e das atividades desenvolvidas.

Zabala conceitua as sequências didáticas como: Um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos [...] (Zabala, 1998 p .18).

Ao planejar as sequências didáticas é de suma importância que o alfabetizador elabore as atividades para serem desenvolvidas no decorrer das aulas, visando sempre valorizar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero que será estudado e escolher os gêneros que mais se perpetuam no contexto que os alfabetizando estão inseridos visando fomentar a sua compreensão e interação social.

As sequências geralmente são organizadas em aulas que contemplam oficinas para que sejam exploradas as características dos gêneros estudados, vale ressaltar que não há um limite para a quantidade de quantas aulas/oficinas deverão ser realizadas até a produção final, ressaltando que além de praticar a leitura e a escrita do gênero é de suma importância que o alfabetizando consiga compreender a funcionalidade e as especificidades de produção que se diferem entre cada gênero.

Figura 7 - Sequência didática



Fonte: Autores (2024)

Dentro da alfabetização de adultos e idosos um gênero textual bem popular para ser desenvolvido dentro das sequências didáticas é a literatura de cordel que favorece tanto no processo de alfabetização no que se refere a sua estrutura repleta de rimas que permite os indivíduos a fazerem a identificação dos sons parecidos e perceber as palavras que rimam entre si, podendo levar a uma análise de qual trecho é que as palavras rimam e o que elas têm em comum.

Após a apresentação inicial do gênero é de suma importância que o professor faça uma avaliação diagnóstica para perceber quem são os alunos que já conhecem o gênero, depois apresentar a sua estrutura e na sequência realizar a leitura que será o momento para se debruçarem na história para por fim explorarem as suas partes.

Após identificar as palavras que rimam o que elas têm em comum, o professor poderá trabalhar a divisão silábica delas, enfatizando o que são as sílabas e a importância de saber fazer a separação silábica na hora da escrita, reforçar que na língua portuguesa todas as sílabas são compostas por uma consoante e uma vogal e nunca só por consoantes.

Trabalhar a contagem de estrofes e versos do cordel, pintar/grifar as palavras que rimam e pedir que citem outras palavras que poderão rimar com elas também são importantes. Dentro da sequência didática poderá ter uma aula sobre a região brasileira que o cordel é mais popularmente conhecido, o que irá favorecer identidade cultural dos alfabetizandos.

No final da sequência didática a sala dividida em grupos poderá criar um cordel onde cada grupo com a ajuda do professor poderá produzir uma estrofe e no final juntar e montar a narrativa. O que possibilitará trabalhar tanto a leitura quanto a escrita.

Utilizar diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, favorece o letramento dos alfabetizandos, pois por meio da interação e produção deles, os alfabetizandos conseguirão conhecer melhor sobre cada um e poderão se sentir mais confiantes para produzir e usar socialmente essas habilidades desenvolvidas.

3.3 Aprendizagens essenciais em práticas sociais reais

Dentro da EJA a problematização é uma ótima ferramenta metodológica para instigar os alunos a dialogar entre si e com o educador sobre os desafios e a

realidade que estão inseridos. Demonstrando que por meio da problematização, diálogo e ação eles conseguirão obter bons resultados tanto pessoais como profissionais.

Através do diálogo, nota-se que eles têm voz e que podem sim ser ouvidos, que ambos têm desafios e dificuldades a enfrentarem, mas que não podem ser um empecilho e sim um incentivo para não desistirem do seu objetivo final.

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados ao responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outro, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada (Freire, 2005, p. 98).

Enquanto educadores é preciso desafiar os educandos a construir conhecimentos acerca das problemáticas que os rodeiam, valorizar os seus conhecimentos empíricos, potencializar a sua capacidade crítica e despertar resoluções para essas indicações.

Por meio de uma prática que acontece após uma problematização/prática social, a aula vai se tornar um momento dinâmico e interativo onde os educandos participarão ativamente da construção do conhecimento. Ocorrendo uma ruptura com a educação bancária onde somente o professor é o detentor do conhecimento e o aluno se torna somente um receptor e conseqüentemente até um ser passivo.

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (...) uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjuguie (Freire, 2006, p. 45).

Uma educação que condiciona e não emancipa não pode ser considerada uma educação libertadora e nem uma educação eficiente. Ao estar dando continuidade a sua vida escolar o educando precisa de liberdade/libertação. O alfabetizador deve desenvolver práticas de alfabetização como sendo um ato de conscientização da libertação da imaginação e do senso crítico dos seus educandos, saindo de uma visão simplificada para uma mais crítica e ativa.

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente e desenvolvida for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas de transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isso significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática (Saviani, 2005, p. 91).

Ao desenvolver a pedagogia histórico-crítico Saviani evidencia justamente a educação como um instrumento para a transformação da sociedade, ou seja, a alfabetização também vem pra contribuir com essa evolução social e individual dos alfabetizados, pois por meio dela eles deixarão de ser excluídos e marginalizados socialmente e poderão exercer sua cidadania.

Celso Vasconcelos (1999) orienta que a prática pedagógica deve ser desenvolvida de forma intrínseca, significativa e ativa para os sujeitos da aprendizagem, ou seja, para acontecer a aprendizagem o sujeito (aluno) precisa estar motivado e principalmente interessado naquele objeto de conhecimento que vai/estar sendo estudado.

Dessa forma, o professor deverá realizar uma motivação para o conhecimento, ou seja, aguçar o aluno sobre os seus entendimentos prévios sobre a temática da aula e realizar uma sensibilização sobre a importância e a necessidade daquela aula/assunto para a sua vida. Com isso o aluno estará motivado, o que resultará em interesse e consequentemente em uma aprendizagem significativa.

4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ESTRUTURA DIDÁTICA DA PRÁTICA EDUCATIVA

Durante o processo de Alfabetização é de suma importância compreender que ele e o Letramento, apesar de serem terminologias distintas, são indissociáveis entre si, ou seja, existe uma relação interdependente, não podendo assim separá-los ou torná-los distantes.

Conforme nos afirma Magda Soares:

Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos. Alfabetização está ligada a concepção de escrita como sistema ordenado pelas regras gramaticais, ou mesmo de escrita como código, que é preciso decifrar (Soares, 2015, p. 86).

Desenvolver uma prática alfabetizadora fortalecendo essa relação harmônica entre a Alfabetização e o Letramento levará o alfabetizando a não somente fazer decifrar os signos linguísticos, como poderá também compreender e interagir melhor com os diferentes textos presentes na sociedade.

Ainda sobre o Letramento ela enfatiza que:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto [...] (Soares, 2015, p. 92).

Assim, é necessário usufruir de práticas pedagógicas que contemplem o Letramento e potencialize ainda mais a socialização dos alfabetizados, visto que ao serem instigados a refletir, analisar e produzir os diferentes textos presentes na sociedade se sentirão mais motivados e empoderados ao compreender as mensagens que os circulam no dia a dia.

Dentro da prática educativa pode ocorrer situações que simulam ou lidam com o cotidiano, como preencher formulários, entender instruções, ler placas de sinalização, interpretar anúncios publicitários, ou ainda utilizar manuais de equipamentos e aparelhos. Essas situações permitem que o letramento seja vivenciado de maneira funcional.

Desenvolver uma reflexão crítica sobre a linguagem em situações de letramento crítico, torna os alfabetizandos motivados a refletirem sobre o uso da língua em diferentes contextos sociais, a entenderem como a linguagem pode ser um instrumento de poder e analisarem criticamente os discursos que recebem e produzem no dia a dia.

Analisar propagandas de publicidade favorece o letramento dos alfabetizandos ao compreenderem que daquelas mensagens as cores e palavras são pensadas com o propósito de os convencerem a comprarem o que está sendo anunciado. Utilizar os verbos no imperativo como: Pare! Compre! Aproveite! os levarão a interpretar melhor cotidianamente.

O alfabetizador poderá levar discursos políticos e realizar uma discussão a partir da sua leitura a fim que identifiquem as suas características como metáforas, expressões repetidas, as promessas; fazendo-os perceber como a linguagem pode ser usada para influenciar e até manipular as opiniões e decisões populares. Despertando assim uma visão crítica dentro da alfabetização e construindo habilidades de letramento.

Expor a linguagem utilizada nas redes sociais e seu impacto na sociedade se torna necessário para que possam conhecer as expressões utilizadas nesse meio. O professor alfabetizador poderá criar um mural contendo (*posts*, memes, comentários, etc). Realizar a leitura e instigá-los a compreender como a linguagem é utilizada nesse ambiente poderá reforçar a exclusão ou inclusão das pessoas, assim como também torná-los próximos das expressões utilizadas nesse ambiente.

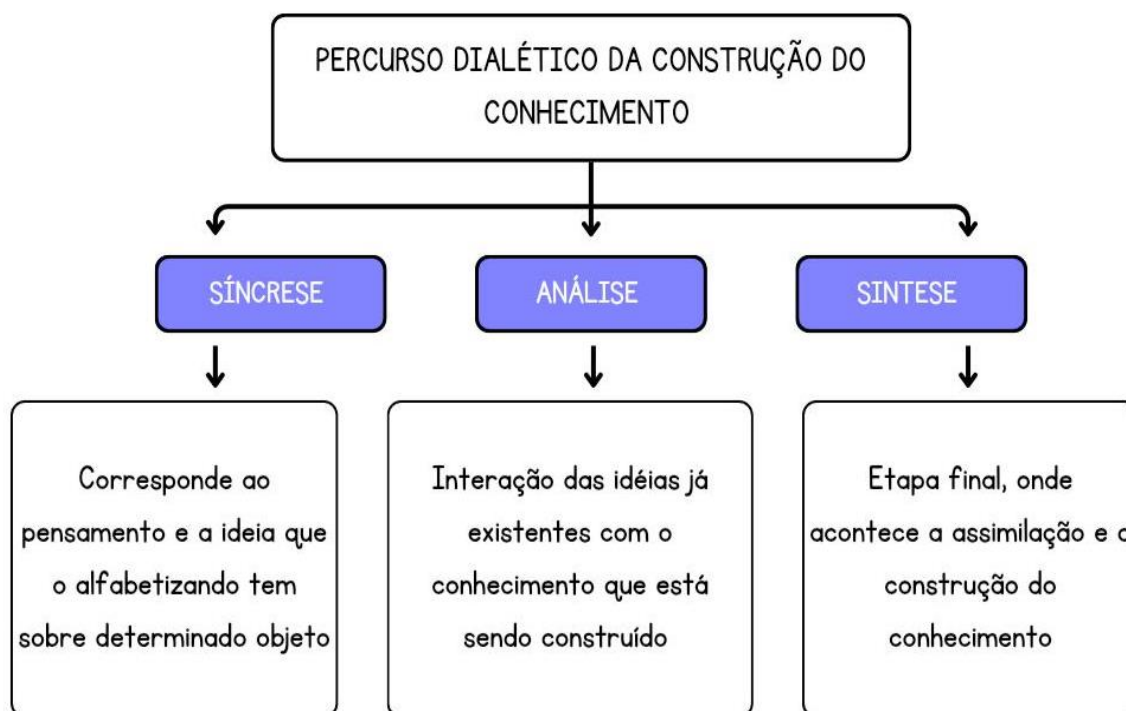
Durante essa prática é oportuno apresentar também os *podcasts* e os blogs, visando que eles também conheçam e tenham contato com esses textos/áudios digitais favorecendo assim o letramento visto que poderão explorar e até usar no dia a dia.

Outra maneira de favorecer o letramento é trabalhando a interpretação de músicas que contém letras que geralmente são uma crítica sobre racismo, pobreza, desigualdade e revoltas sociais, a fim que saibam interpretar o que está sendo reivindicado e desmitificar a ideia de que são gêneros banais e supérfluos.

4.1 Percurso dialético da construção de conhecimento

As práticas alfabetizadoras devem ser pensadas a partir de uma metodologia dialética, ou seja, para além de transmissão e recepção de informações. Devem ser práticas educativas cujo o processo de aprendizagem valorize a Síncrese, Análise e Síntese; conforme o organograma a seguir:

Figura 8 - Organograma: percurso dialético da construção do conhecimento



Fonte: Autores (2024)

O percurso dialético proposto por Celso Vasconcelos, fundamentado na sequência de Síntese, Análise e Síntese, é uma abordagem pedagógica essencial para promover a reflexão crítica e o aprendizado significativo. No contexto da alfabetização de adultos e idosos, esse processo permite que os educadores articulem as experiências prévias dos alunos com novos conhecimentos de maneira dinâmica.

A primeira etapa, a Síncrese, envolve a apresentação de um conteúdo ou situação que seja familiar ao aluno, criando um ponto de partida para a construção do aprendizado. Essa etapa inicial é crucial, pois conecta os saberes anteriores dos estudantes com o que será explorado, possibilitando um primeiro contato com o tema de forma acessível e concreta.

Na segunda etapa, a Análise, os alunos são incentivados a questionar, explorar e desmembrar o conteúdo, promovendo uma compreensão mais profunda. O educador, ao promover essa análise crítica, possibilita que os estudantes percebam as relações entre os diferentes elementos do conhecimento, fomentando a reflexão e a problematização.

Por fim, a Síntese final reúne as aprendizagens feitas nas etapas anteriores, estabelecendo um novo entendimento mais consolidado. Esse percurso, quando aplicado de forma contínua e cíclica, favorece a autonomia dos alunos, permitindo que se apropriem do saber de maneira ativa e transformadora. A prática pedagógica baseada nesse modelo dialético possibilita uma aprendizagem mais contextualizada e eficaz, ajustada às necessidades e realidades dos estudantes.

4.2 Etapas do letramento alfabético

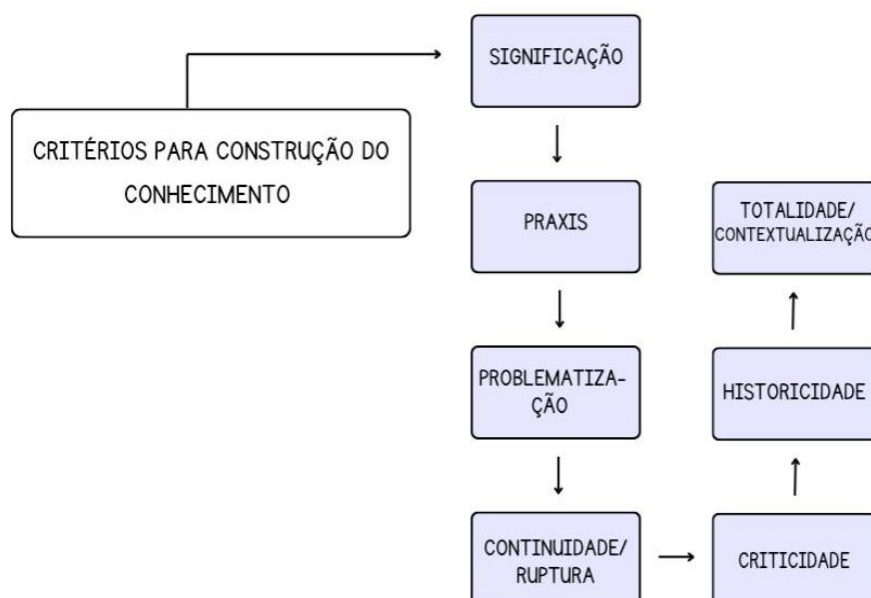
Seguindo essa linha de pensamento que se opõe a uma prática pedagógica com metodologias tradicionais a metodologia dialética contempla também:

A = MOBILIZAÇÃO PARA O CONHECIMENTO: Momento para realizar uma sensibilização aos sujeitos, despertar o interesse e estimular a conscientização da necessidade do objeto de estudo para a vida estabelecendo uma relação harmônica entre as suas necessidades e anseios com o objeto de conhecimento. Uma prática de atividade que poderá auxiliar para que aconteça essa mobilização é desenvolver perguntas instigadoras que unam as suas experiências com o conhecimento que está sendo construído.

B = CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: Momento para estimular diálogos reflexivos que permitam estabelecer conexões com o objeto de estudo. O educador poderá utilizar situações problemas que são pertinentes onde o educando está inserindo/incentivando que ela tenha uma relação interativa e se conecte cada vez mais com o objeto. Estimular pesquisas e exercícios são indispensáveis para que o educando trave o confronto entre o que ele sabia e o que está se conhecendo. Assim o educador agirá como um facilitador da aprendizagem.

Critérios indispensáveis para a construção do conhecimento na metodologia dialética.

Figura 9 - Organograma dos critérios para construção do conhecimento



Fonte: Autores (2024)

Esses critérios em conjunto formam a base de uma metodologia didática que busca a formação de indivíduos críticos-reflexivos, conscientes do seu papel na transformação social, sujeitos letrados que façam uso social da sua língua e que assim possam buscar por transformações das condições sociais por meio do conhecimento construído.

➡ **Significação:** Uma educação de qualidade precisa fazer significado tanto para educador, como para o educando atrelada às suas necessidades.

➡ **Práxis:** Resultado da ação do indivíduo sobre o mundo, seja esta motora, perceptiva ou reflexiva.

➡ **Problematização:** Desafios que são indispensáveis na constituição do conhecimento.

➡ **Continuidade/Ruptura:** Construção do conhecimento a partir dos saberes que já se tinha, relação direta entre o que se tinha e o que foi construído.

➡ **Críticidade:** Busca por respostas sobre problemáticas que fazem parte da realidade do educando.

➡ **Historicidade:** Incentiva conhecer a história de como foi encontrado as soluções para os problemas/questões sociais em determinada época.

➡ Totalidade/Contextualização: O conhecimento não deve ser fragmentado, mas sim compreendido dentro de um contexto amplo relacionando-se com outras áreas e com a realidade social.

C = ELABORAÇÃO DA SÍNTESE DO CONHECIMENTO: Momento para expressar e concretizar após a apropriação e da análise da sua relação com o objeto de estudo, onde deverão materializar e demonstrar com ações como irão agir após o conhecimento construído.

Por meio das sínteses do conhecimento elaboradas pelos alunos, os professores conseguirão avaliar as produções de cada um, onde será possível identificar avanços de muitos e o que pode ser melhorado no decorrer das aulas.

Desenvolver uma prática alfabetizadora na perspectiva do letramento e com orientações metodológicas dialéticas é propiciar aos sujeitos das aprendizagens momentos que vão provocar reflexões significativas colocando os alfabetizandos como ativos na construção do conhecimento para que assim venham aplicar socialmente as aprendizagens construídas individualmente e coletivamente.

Para os alunos jovens e adultos que vivenciam a complexa experiência de recomeço do processo de aprendizagem formal os significados e sentidos extraídos desse experimento devem ser cuidadosamente construídos e sedimentados na relação pedagógica, e o professor tem um papel fundamental nesse processo. Diante de tamanha grandeza e responsabilidade, é de extrema importância, que a escola discuta sua ação pedagógica e sua verdadeira intencionalidade, o que implica, por parte do professor, um redimensionamento de sua prática docente e principalmente clareza na seleção cultural do conhecimento considerado essencial para o aluno na perspectiva de sua classe social (Nicodemos, 2013, p. 14).

A prática pedagógica da EJA é uma ação que deve ser pensada e desenvolvida valorizando as singularidades e expectativas de cada aluno que se encontra naquela modalidade de ensino, as escolas devem fornecer um ambiente que motive eles a permanecerem indo participar das aulas. O planejamento elaborado pelos professores deve ser flexível e pensado de modo que vá suprir os anseios daqueles que ali retornam a sua vida estudantil.

O educador deve sempre promover diálogos a partir de problemáticas buscando valorizar as experiências de vida trazidas pelos seus alunos. Em uma relação harmônica onde tanto o professor como o aluno participam dessas interações, surgirão ótimas oportunidades para potencializar a sua prática. Desenvolver práticas

com intencionalidades claras que permitirão que os alunos vejam significado e motivo para permanecer na continuação da sua escolarização é essencial.

4.3 Letramento e ludicidade

Durante o processo de alfabetização o professor deve explorar e adequar a sua prática pedagógica com a realidade em que os seus alunos estão inseridos; valorizando as suas singularidades e colocando o aluno como o centro desse processo, rompendo assim com metodologias tradicionais onde somente o professor é o detentor do conhecimento.

Souza (2019, p. 120) aponta que “Paulo Freire defendia que para ser um ato de conhecimento de alfabetização de adultos, demanda entre educadores e educandos uma relação autêntica de diálogo”. Ou seja, o alfabetizador precisa potencializar sua prática levando atividades que despertem a criticidade, explorem suas capacidades físicas e cognitivas e principalmente que construam uma aprendizagem significativa.

De acordo com Salvalaggio:

Os alunos da EJA apresentam condições socioeconômicas, culturais, idades e ritmos de aprendizagem muito variados e que requerem do professor muita paciência e habilidade para reorganizar sua prática pedagógica. Os adultos exigem do professor, além de saberes disciplinares, práticas educativas que aproveitem a sua bagagem cultural e a experiência acumulada (2011, p. 23).

Dessa forma o professor deve usufruir e tentar encontrar as melhores estratégias para que aconteça com êxito o processo de alfabetização; pensar e elaborar atividades que favoreçam um desenvolvimento integral para aqueles alunos que já tão marginalizados socialmente.

Diante disso,

Numa concepção lúdica, a linguagem oral e escrita deve ser considerada como forma de interação para externar pensamentos ou para apropriação de conhecimentos. Desse modo, poderemos através de jogos, brincadeiras, montagens e produções dos alunos criar um ambiente alfabetizador significativo e concreto. A descrição de objetos práticos pode ajudar o aluno no desenvolvimento de variadas dimensões. Portanto, a necessidade do lúdico como apoio para as novas práticas pedagógicas (Monteiro, Monteiro, 2015, p. 25).

É evidente que o lúdico é um mecanismo de grande valia para tornar a aprendizagem mais dinâmica e interativa. É importante salientar o conceito de lúdico para além de somente jogos e brincadeiras. Usar uma música, uma imagem, um utensílio doméstico e até mesmo explorar os materiais didáticos também é tornar a aprendizagem mais dinâmica e interativa.

Desenvolver atividades em grupos como agrupamentos para que com o apoio do professor e juntos os alunos construam seus conhecimentos é também uma atividade de grande valia tanto para o processo de alfabetização, como para a interação social das diferentes faixas etárias presentes na sala de aula da EJA.

O processo de alfabetização de jovens e adultos não se resume apenas em juntar letras e formar palavras. Para alfabetizar de fato é preciso introduzir os jovens e adultos no universo da escrita, mostrando-lhes os principais tipos de textos que estão presentes em nossa sociedade [...]. Com a ajuda dos educadores, os jovens e adultos não escolarizados poderão aprender como representar por escrito os números e os cálculos, o que aumentará as possibilidades de generalização desse conhecimento (Marques, 2012, p. 15).

Logo, é crucial que os professores possam, ao utilizar diferentes gêneros textuais, demonstrar a finalidade e a importância do uso social de cada um deles para que assim além de compreender as letras, palavras e frases possam fazer o uso social da sua língua interpretando e interagindo de diferentes formas sociais. Vale ressaltar a utilização da produção textual como uma ótima sugestão de atividade para ser trabalhada onde o alfabetizando poderá contar um breve relato de suas experiências e depois fazer a socialização, e respectivamente o professor poderá ajudá-lo na correção.

Dentro da perspectiva de se alfabetizar letrando é indispensável o uso de textos que circulam pela sociedade para corroborarem com o processo de ensino aprendizagem, pois por meio deles os alfabetizandos poderão entender a sua intencionalidade, estrutura, identificar os principais elementos e enriquecer a sua comunicação social.

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (Carvalho, 2007, p. 69).

Realizar oficinas de produção textual, levando modelos de esquemas de bilhetes, cartas, e-mails para que após o contato inicial sobre a estrutura de cada um desses gêneros textuais os alfabetizandos possam produzir o seu próprio diálogo com alguém é uma atividade que fortalece a sua interação social e o uso da leitura e da escrita.

Criar e desenvolver uma prática pedagógica que contemple diferentes gêneros textuais é possibilitar para os alfabetizandos um ambiente que estimule a sua imaginação, criatividade e um maior entendimento sobre a finalidade daqueles textos. Vivemos em uma sociedade repleta de textos e incluir eles na sala de aula são ótimas ferramentas para tornar o ensino mais dinâmico e concreto.

Realizar inicialmente a socialização do entendimento de cada um deles sobre os textos trabalhados possibilitará que eles realizem uma leitura, seja visual ou escrita, para os que já se encontram nesse nível de alfabetização e possibilitará para o professor que faça um diagnóstico das dificuldades de cada um e como trabalhar cada uma delas.

Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual o texto se organiza, a partir do título, obedecendo a certas Convenções, desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias (Carvalho, 2007, p. 71).

Trabalhar a leitura não como codificação e decodificação dos signos linguísticos, mas sim compreendendo a finalidade de cada gênero textual sobre as diferentes formas que uma mesma palavra pode aparecer em diferentes textos e compreender o porquê isso pode acontecer. O professor alfabetizador deverá estimular a leitura dos alfabetizandos, desde aqueles que não leem com fluência até aqueles com fluência. Trabalhar sempre utilizando textos para realizar a leitura e a escrita poderá instigar a interpretação do que se leu.

Utilizar o alfabeto móvel com atividades em agrupamentos é um ótimo aliado a prática pedagógica alfabetizadora, onde os alunos poderão visualizar, tocar e manipular diferentes possibilidades de escritas de palavras que poderão ser escolhidas de acordo com temáticas ou nível alfabético.

Por meio do alfabeto móvel também será possível trabalhar o reconhecimento de letras que poderão ser apresentadas de diferentes maneiras

(cursiva, imprensa ou bastão) podendo estimular a escrita do próprio nome de cada alfabetizando manipulando as letras e reforçando o som de cada letra.

Desenvolver atividades permanentes também se tornam ótimas aliadas para reforçar as aprendizagens desejadas; seja por meio de contação de histórias que poderá ser a partir de uma fictícia e o aluno poderá dar continuidade oralmente propondo um desfecho para a narração, relatar uma vivência marcante ao decorrer da vida; registros escritos para expressarem as expectativas para a aula/semana também são ótimas oportunidades para avaliar as dificuldades que precisam ser alcançadas e visualizar as que já foram supridas.

É notório que muitas escolas desenvolvem uma metodologia mais abstrata, logo trabalhar com a ludicidade contribui para a formação de estratégias, alcançando um aprofundamento e uma dimensão mais ampla na assimilação dos conteúdos. Por meio de um ensino mais atrativo e interativo, a aprendizagem se tornará mais dinâmica e menos mecânica.

Na perspectiva de dinamizar a alfabetização a partir da ludicidade, é desenvolver uma prática que contemple a interação e um ensino mais atraente, é interessante recorrer a jogos e brincadeiras para potencializar a ação educativa até como uma forma de resgatar as memórias afetivas de criança e tornar a aprendizagem mais prazerosa.

Sugestões lúdicas para a prática alfabetizadora:

- Bingo de palavras.

Figura 10 - Modelo de bingo



Fonte: Autores (2024)

Figura 11 - Cartela de palavras para utilizar no bingo

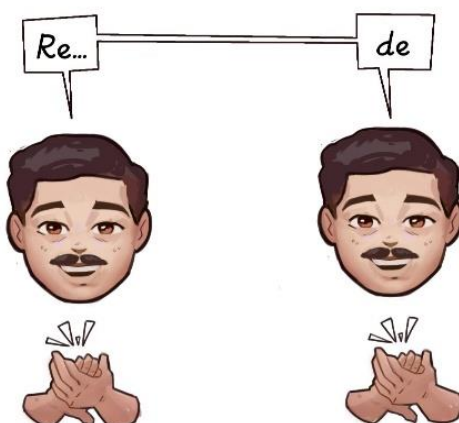


Fonte: Autores (2024)

O bingo é uma estratégia para ser desenvolvida para estimular a leitura daqueles que ainda não leem com fluência, onde a cada palavra sorteada ele poderá treinar a leitura procurando-a na sua cartela. O Alfabetizador deverá produzir as cartelas de acordo com a quantidade de alunos e adaptar as palavras para o nível deles.

- Bater palmas/pular para cada sílaba das palavras.

Figura 12 - Palmas para cada sílaba



Fonte: Autores (2024)

Assim os alfabetizandos poderão realizar a correspondência entre a quantidade de palmas/pulos com a quantidade de sílabas que formam as palavras.

- Batalhas de rimas em duplas.

Figura 13 - Batalha de rimas em duplas

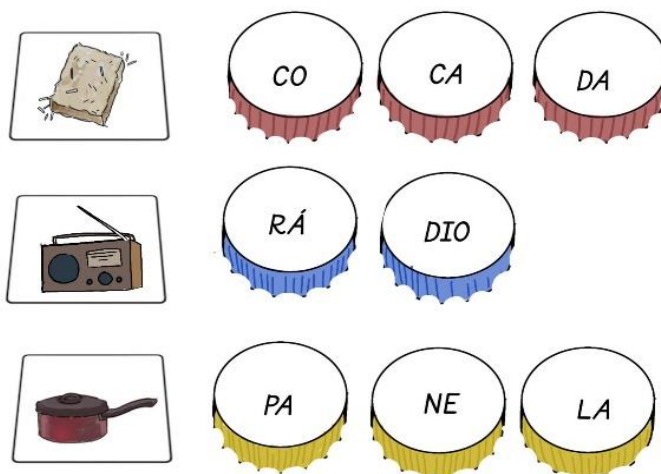


Fonte: Autores (2024)

Por meio das batalhas os alfabetizandos poderão perceber os sons que as palavras ditas têm em comum sendo assim uma ótima ferramenta para potencializar a consciência fonológica assim como a oratória.

- Utilizar tampinhas para contar as sílabas das palavras.

Figura 14 - Tampinhas com sílabas



Fonte: Autores (2024)

Assim como as palmas/pulos podem auxiliar na contagem de sílabas que compõem as palavras, as tampinhas também podem servir para quantificar as sílabas e ajudar o alfabetizando.

- Peças de encaixar com sílabas para formar palavras.

Figura 15 - Quebra-cabeça de sílabas



Fonte: Autores (2024)

Ao juntar as peças para formar a palavra, o alfabetizando conseguirá visualizar, manipular e compreender que as palavras são formadas por sílabas e como a ordem delas é importante para a formação das palavras.

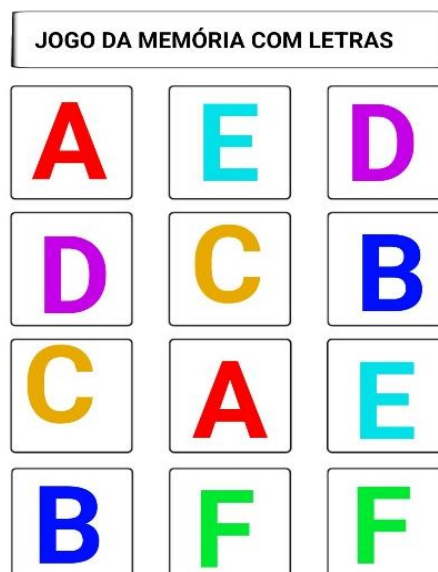
- Jogo da memória com letras/palavras.

Figura 16 - Jogo da memória com palavras



Fonte: Autores (2024)

Figura 17 - Jogo da memória com letras



Fonte: Autores (2024)

Ao manusear as peças com as palavras ou letras os alfabetizando estarão além de fortalecendo as habilidades cognitivas também treinarão a leitura e o reconhecimento de palavras/letras iguais.

- Formar frases com palavras móveis distribuídas entre os alfabetizando.

Figura 18 - Formar frases com palavras móveis



Fonte: Autores (2024)

Ao imaginarem e desenvolverem as frases, os alfabetizandos estarão desenvolvendo a habilidade da leitura e conseqüentemente perceberão como cada palavra precisa estar inserida no local certo para que a frase venha ter sentido.

É válido ressaltar que cada sugestão aqui proposta poderá ser desenvolvida e adaptada para cada realidade que os alfabetizandos estão inseridos, visando sempre desenvolver uma prática acolhedora e que inclua a todos. Com isso, as atividades lúdicas contribuem ativamente para que o ensino seja cada vez mais dinâmico e interativo.

5 NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO: COMO DIAGNOSTICAR?

A educação de jovens e adultos está dividida em 4 etapas de ensino: Alfabetização – 1º e 2º, Básica – 3º e 5º ano, Complementar – 6º e 7º e final – 8º e 9º. Por não terem tido a oportunidade de frequentar ou permanecerem na escola, alunos da EJA enfrentam dificuldades que impactam diretamente no desenvolvimento de suas habilidades. Segundo Adriana Beringuy, coordenadora das Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE:

O analfabetismo segue em trajetória de queda, mas mantém uma característica estrutural: quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Isso indica que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda crianças, enquanto permanece um contingente de analfabetos, formado principalmente, por pessoas idosas que não acessaram à alfabetização na infância/juventude e permanecem analfabetas na vida adulta (Gomes; Ferreira, 2023, n. p.).

Considerando isso, o foco do ensino dos alunos de educação de jovens e adultos devem estar principalmente na leitura, escrita e a interpretação. Em cada etapa o professor deve fazer uma análise através de atividades diagnósticas onde seja possível perceber o nível de alfabetização de cada aluno. Considerando o que cada um traz de conhecimentos prévios para que seja possível um ensino personalizado que atenda às necessidades de cada um.

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, pelas luzes do construtivismo de Piaget, desenvolveram pesquisas e estudos sobre a aquisição da escrita e da leitura. É perceptível que durante a fase de alfabetização dos indivíduos são negligenciados os seus conhecimentos prévios sobre o sistema de escrita alfabético buscando demonstrar que antes de chegar na escola o indivíduo já se questiona sobre como acontece a apropriação da leitura e da escrita.

Aqui no Brasil em 1986 foi publicada a sua primeira obra: *Psicogênese da Língua Escrita* enfatizando como desenvolveram e comprovaram a sua pesquisa.

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que

procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal-disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (Ferreiro; Teberosky, 1986, p. 11).

É de suma importância que o professor alfabetizador de jovens, adultos e idosos tenha consciência de que aqueles indivíduos não são tábuas em branco e que não tem vivência com a língua escrita ou falada; pois ao conviverem em sociedade, em dados momentos, eles têm os seus questionamentos sobre a escrita de seu nome, os que não sabem escrever, de como faz a leitura do nome de um familiar na sua agenda telefônica, seja física ou digital, para aqueles que tem celular; dentre outras inúmeras situações de indagações desses indivíduos.

É importante ressaltar que somos seres sociais e que interagimos entre si e dentre as nossas vivências são construídos conhecimentos, por isso é necessário valorizar os conhecimentos trazidos para a sala de aula por meio dessas intenções do nosso alunado.

[...] a mão que escreve e o olho que lê estão sob o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever; em práticas sociais mediadas pela escrita (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 8).

De acordo com a teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), na teoria da psicogênese, toda criança passa por níveis e/ou hipóteses estruturais e gradativas, são elas: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Dessa forma, é importante entender as definições de cada hipótese, para compreender o que cada uma delas representa dentro do processo de alfabetização da criança. No que se refere a educação de jovens e adultos, sabe-se que é necessária uma maneira própria e diferenciada de alfabetização, especialmente associada com o letramento; alfabetizar não somente fazendo a codificação e a decodificação dos signos linguísticos, mas também compreender o que está sendo lido ou escrito e usar socialmente.

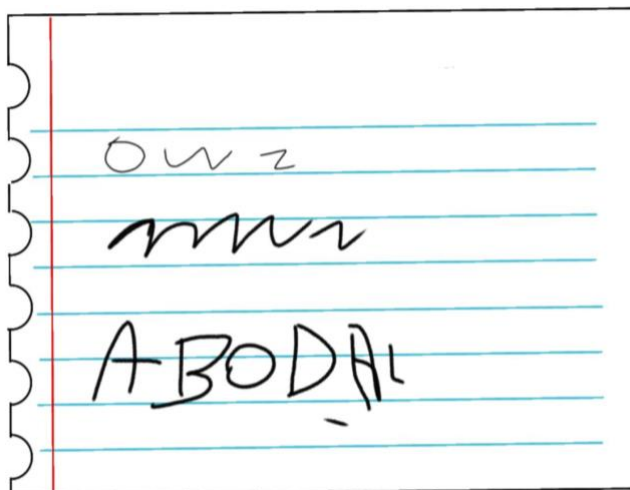
Entende-se que o alfabetizando adulto vai para escola saindo de um determinado contexto social, onde ele já tem participação ativa e de extenso contato com o mundo exterior, por isso, deve-se lembrar que, como foi dito antes, ele já terá conhecimentos prévios, podendo assim entrar no contexto escolar em uma etapa mais à frente da alfabetização ou não. Considerando que ela é um processo que ocorre

com participação constante do aluno, é papel do professor identificar qual nível o aluno se encontra para poder guiá-lo da melhor forma até a consciência plena da língua escrita e a importância social dela.

A psicogênese da língua escrita descreve esses processos por níveis, como mencionado antes, onde o aluno elabora hipóteses sobre os conceitos do sistema da escrita e da fala. Sendo eles:

5.1 Nível pré-silábico

Figura 19 - Primeiro nível da escrita



Fonte: Autores (2024)

Nesse período o alfabetizando começa a perceber que a escrita pode ser uma representação do que é falado, então formula hipóteses não convencionais de “escrita”. Nesse caso ele utiliza representações gráficas abstratas para externar seus pensamentos, como rabiscos e desenhos.

Por isso Ferreiro (2011, p.20) considera a produção espontânea dos alunos, a partir de suas concepções sobre a língua escrita e falada, parte importante do processo de alfabetização, pois é assim que o aluno oferece uma maneira de ser interpretado. Basta o professor saber lê-lo. Isso estará presente durante todo o processo. Vale lembrar que isso perdurará por todo processo até aprimorar sua compreensão sobre relação da escrita e fala.

Para que o adulto possa alcançar ao próximo nível, terá que entender que deve fazer distinção entre a escrita e desenhos, ou seja, saber que as palavras são

formadas por letras e não desenhos, além disso começará entender o uso quantitativo e sonoro das letras, o que leva ao próximo nível.

5.2 Nível silábico

Figura 20 - Segundo nível da escrita

	<i>sem valor sonoro</i>	<i>Com valor sonoro</i>
<i>Panela</i>	AOL	AEA
<i>Tijolo</i>	EAK	OU
<i>Novela</i>	ALUE	OE A

Fonte: Autores (2024)

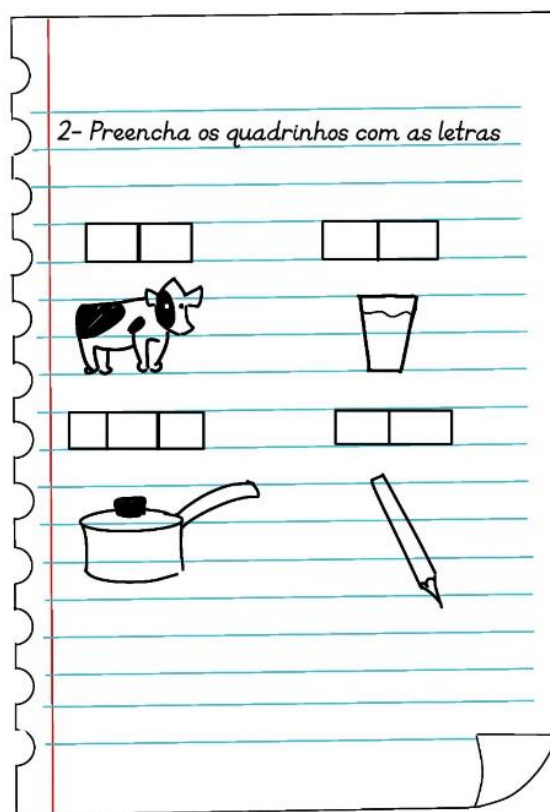
Nesse nível o alfabetizando começa a relacionar a escrita a fala, ou seja, ele entende que as letras representam um som oral. Porém, ele ainda não entende que a letra é a menor unidade da palavra o que faz surgir duas hipóteses nesse período: uma sem valor sonoro, quando ele não tem conhecimento sobre as letras e as utilizam sem interesse em vincular as suas sonoridades; já na segunda hipótese, com valor sonoro, é quando o adulto começa a relacionar os grafemas e fonemas, escolhendo letras a partir do som para representar a sílaba de uma palavra.

Figura 21 - Atividade: complete a palavra



Fonte: Autores (2024)

Figura 22: Atividade - preencher quadros com sílabas

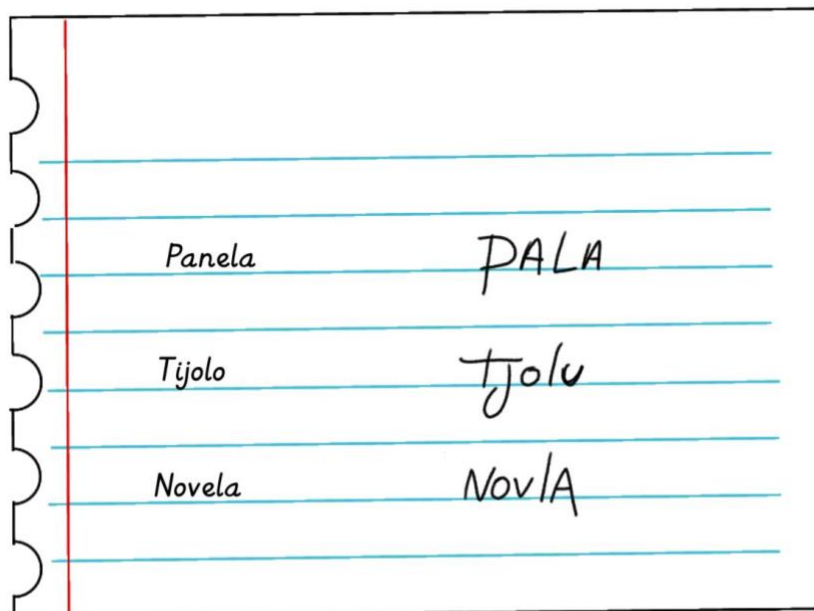


Fonte: Autores (2024)

É importante que as atividades elaboradas para esse nível trabalhem a consciência sobre as vogais tanto quanto a silábica. No primeiro exemplo os alunos devem completar a frase com as vogais que faltam. Assim possibilita que o aluno que esteja nesse nível, mas sem valor sonoro, comece a refletir sobre o som que cada vogal inclui nas palavras ditas. Enquanto no segundo exemplo, demonstra um jogo de preencher quadrinho com letras, para que os alfabetizandos comecem a criar consciência de tamanho da palavra. Em vez de utilizar apenas uma sílaba, ele perceberá na falta de letras nos quadrinhos que precisará preenchê-los. Assim o professor trabalha a construção da consciência silábica.

5.3 Nível silábico-alfabético

Figura 23 - Terceiro nível da escrita



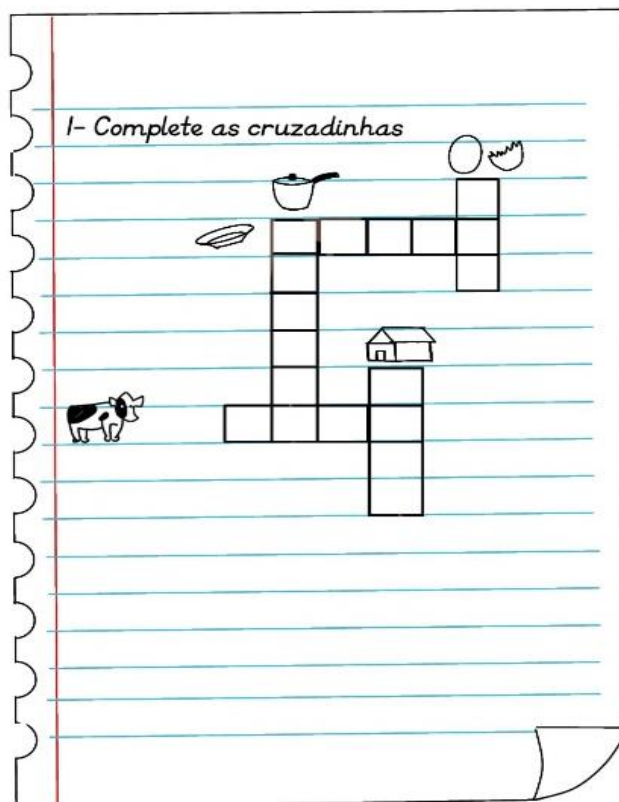
Fonte: Autores (2024)

Esse nível marca uma transição entre os níveis silábicos e o alfabético, pois nessa etapa o alfabetizando tem a compreensão de que as letras são uma unidade menor dentro das palavras e as sílabas podem ser representadas com mais de uma, porém ele ainda se prende a algumas hipóteses do nível anterior.

Percebe-se que nesse nível ainda em alguns momentos ele manterá suas hipóteses em relação ao nível silábico, quando utiliza apenas uma letra para representar a sílaba. Isso acontece principalmente com letras que o fonema inclui consoantes + vogais (como K, B, C, D...).

No nível silábico alfabético o professor já pode trabalhar com pequenos textos que tenham palavras mais complexas. Além disso, pode exercitar a criatividade de seus alunos fazendo com que eles construam e socializem seus próprios textos dentro da sala de aula, podendo trabalhar diferentes gêneros textuais durante as aulas.

Figura 24: Palavras cruzadas

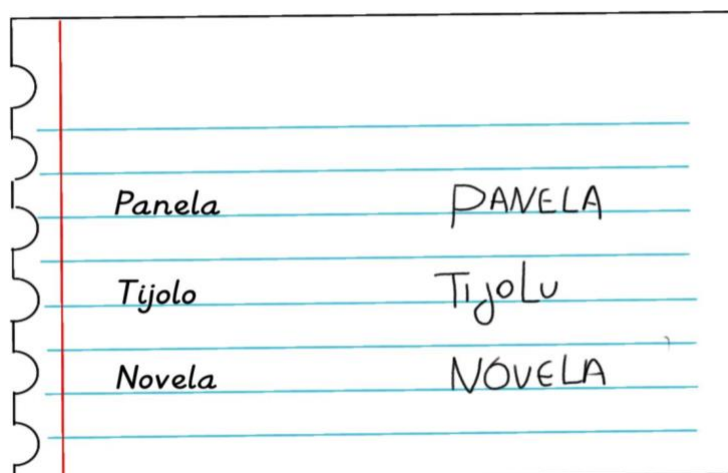


Fonte: Autores (2024)

Palavras cruzadas é uma atividade que o professor pode utilizar para enfatizar o valor de cada letra para formação da sílaba na construção da palavra.

5.4 Nível alfabético

Figura 25 - Quarto nível da escrita



Fonte: Autores (2024)

Quando se chega ao nível *alfabético*, o alfabetizando já tem conhecimentos mais avançados da relação entre fonemas e grafemas, ou seja, ele sabe relacionar as letras e sílabas aos valores sonoros. Nesse nível o professor deve priorizar a ortografia dos alunos, trazendo atividades para desenvolver esse aspecto. Como exemplo de atividade ele pode construir junto aos alunos um dicionário com palavras que eles não conheciam ou que conheciam, mas não sabiam o significado. O professor pode incentivar a busca em diferentes contextos sociais palavras que despertem o interesse deles, encontrem o significado e compartilhem com a classe.

6 PRINCÍPIO ALFABÉTICO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: COMO AGIR?

O princípio alfabético é o entendimento de que as palavras são compostas de letras e que estas representam sons individuais. Desenvolver esse princípio durante o processo de alfabetização se torna indispensável para que o alfabetizando consiga testar diversas maneiras de escrita e conseqüentemente leitura por meio dos grafemas e fonemas.

A sua importância [da ortografia] está em permitir-nos pela leitura dos símbolos gráficos reproduzir mental ou oralmente os sons de que se compõem as palavras. Secundariamente, a forma visual que a palavra assim assume concorre para fazer-nos reconhecê-la e auxilia a evocação dos seus sons ou fonemas (Mattoso, 1986, *apud* Scliar-Cabral, 2003, p. 77).

Sem o desenvolvimento do princípio alfabético nesse processo, haverá prejuízos na alfabetização, os indivíduos encontrarão ainda mais dificuldades para ler e escrever, além de dificuldades nos sons e grafias; uma vez que, nesse princípio, espera-se que percebam as sílabas como contexto fonológico da representação de palavras. A Consciência Fonológica é a capacidade que adquirimos, percebermos e manipularmos os sons da nossa fala. Conforme Freitas (2004, p. 180):

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também, a operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor).

Assim, o alfabetizando precisa estar consciente sobre as unidades sonoras que compõem as palavras e assim a apropriação da escrita e conseqüentemente do processo de alfabetização se tornará mais compreensível por meio desses instrumentos facilitadores como jogos para identificar sílabas que rimam em diferentes palavras, textos rimados, contagem de sílabas das palavras, contagem das letras e por conseqüentemente testar a escrita de palavras que geralmente são pronunciadas incorretamente para que os alfabetizandos percebam a diferenciação entre a fala e a escrita.

Dividida em etapas, a consciência fonológica abrange a habilidade de perceber a estrutura das palavras; ou seja, a percepção de que a palavra é composta por sílabas e que podem ser manipuladas e transformadas em novas palavras, sendo

essa a consciência sintática. A consciência silábica consiste na habilidade de manipular as sílabas para construir novas palavras; nessa etapa, o aluno já deve entender que as sílabas são compostas por sons. Finalmente na consciência fonêmica identifica-se e manipula-se os diferentes fonemas, sendo essas unidades abstratas; logo, espera-se um nível mais avançado de consciência fonológica.

Desde pequenos, participamos naturalmente de jogos em que cada sílaba corresponde a uma palma, por exemplo. A única divisão que não surge naturalmente no desenvolvimento é em unidades menores que uma sílaba, ou seja, em fonemas. Um adulto analfabeto e uma criança analfabeta não conseguem fazer isso de maneira espontânea. Quando eu adquiro a linguagem oral, tenho uma certa capacidade de distinção fônica, senão não distinguiria pata de bata (Ferreiro, 2003, p. 28).

As habilidades da consciência fonológica permitem que os alunos observem sílabas e padrões de palavras, a própria leitura e reconheçam palavras que rimam; além da alteração que consiste em palavras que tem começo semelhante, segmentação de sílabas, palavra, sentença, fonemas e outros.

Sendo assim, mediar o desenvolvimento dessa consciência possibilitará autonomia nesse processo de distinguir os sons das palavras e perceber que elas são segmentadas em pequenos grupos e, ainda, alcançar as três áreas da consciência fonológica já mencionadas; consciência sintática, silábica e fonêmica.

A consciência sintática é imprescindível no processo de alfabetização nos elementos do texto. A silábica e a sintática deve estar bem desenvolvida para que se possa manipular o texto. Esse desenvolvimento se dá quando o aluno adquire o entendimento que algumas palavras começam e terminam com o mesmo som. Por fim, a consciência fonêmica, que exige uma consciência fonológica bem desenvolvida, desde a percepção do tamanho das palavras, até a capacidade de segmentar e manipular sílabas e fonemas, faz com que o aluno amplie seus conhecimentos fonéticos, uma vez que as habilidades de escrita e de consciência fonológica se relacionam e se desenvolvem juntas.

O mundo moderno exige cidadãos capazes de fazer frente às exigências da sociedade tanto a nível pessoal, econômico, social e familiar. Assim, entender os processos pedagógicos que envolvem a aquisição da leitura e escrita e constituem a base para o êxito ou fracasso de uma pessoa na sociedade moderna (Rebelo, 1991, *apud* Rodrigues, 2012, p. 1).

Todas essas habilidades são construídas em uma base sólida de linguagem oral e escrita, mas além disso, habilitando pessoas para “ler o mundo,” para estarem capacitadas a responder as exigências na sociedade em que estão inseridas, e as transformando diretamente.

Portanto, é possível perceber que atividades que envolvem a consciência fonológica enriquecem o processo de aprendizagem de leitura e escrita que já acontecem paralelamente ao processo de letramento. Sendo assim, a consciência fonológica é uma facilitadora dessa aprendizagem e permite que os alunos desenvolvam habilidades metalinguísticas.

Em outras palavras, a consciência fonológica antecede o processo de alfabetização, é a base para que o processo de leitura e escrita seja bem-sucedido. É por essa razão que ela pode ser considerada uma habilidade metacognitiva; ou seja, a habilidade de tomar consciência daquilo que se aprende inconscientemente. Isso se dá quando o aprendiz precisa tomar consciência sobre a sonoridade das palavras que ele fala, por exemplo.

As etapas da consciência fonológica devem percorrer pelo menos 5 habilidades que são: rima e aliteração, consciência de palavras, consciência silábica e consciência fonêmica.

A rima é a semelhança de sons das palavras, que produz uma certa sonoridade, como por exemplo as palavras bendigo e prossigo. Nessa etapa da consciência fonológica, textos rimados podem facilitar o entendimento dos educandos ao manipular os sons da fala. A aliteração se difere da rima por sua repetição de som estar no início, sendo assim, refere-se a capacidade de reconhecer a mesma sílaba ou fonema no início das palavras.

Figura 26 - Atividade de rimas

Em Bacabal mora João
Ele gosta muito de estudar
já aprendeu a escrever seu nome
E já está quase aprendendo nadar
E ainda diz que sabe _____

No domingo acorda cedo
Pra não perder a feira
Ele vai sempre comprar
Os bolos pro café e macaxeira
As frutas e os legumes
Nas barraquinhas de _____

Fonte: Autores (2024)

O professor pode trabalhar atividades que facilitam esse aprendizado como apresentar figuras ou fotos de palavras que rimam estimulando uma contação de história à medida que encontram as figuras ou fotos das palavras escolhidas.

A consciência de palavras se refere à capacidade de reconhecer a quantidade de palavras em uma frase e ainda se a ordem está correta para dar sentido à essa frase; sendo assim, nessa etapa será construído o entendimento de que as palavras devem seguir uma ordem para que possam fazer sentido na comunicação oral e escrita.

Figura 27 - Contar palavras

2 - Indique quantas palavras tem em cada frase

a) Mamãe fez doce e colocou na geladeira

b) O cachorro latiu alto

c) A lua é bela

Fonte: Autores (2024)

Figura 28 - Organizar palavras

1 - Organize as palavras nas frases:

a) Maria boneca tem linda

b) capim A come vaca

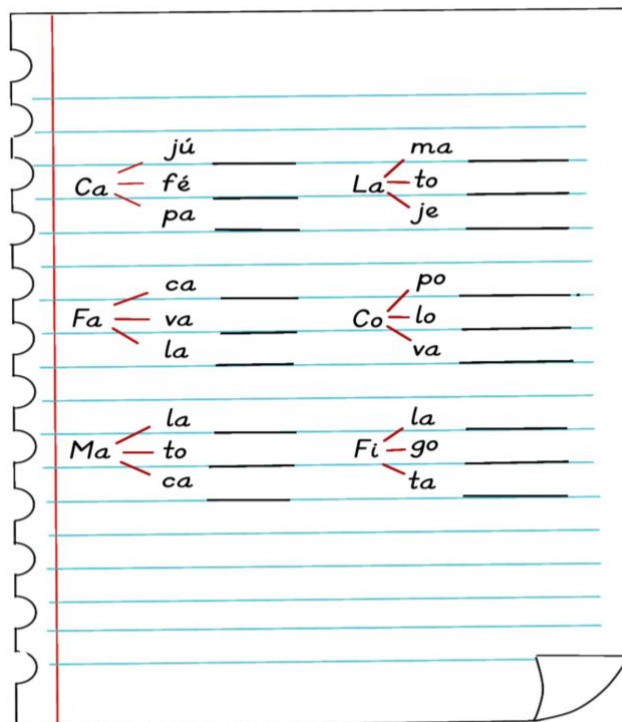
Fonte: Autores (2024)

Logo, trabalhando dessa forma será possível segmentar uma frase em palavras, perceber suas relações e ainda organizá-las em uma sequência que faça sentido.

Na consciência silábica, de maneira mais geral, é possível perceber um limite ainda menor dentro da palavra, a sílaba. O aluno poderá perceber que cada vocábulo é formado por sílaba e cada uma dessas sílabas possui um som específico.

Através das atividades os alunos terão consciência que uma mesma sílaba pode aparecer em diferentes palavras e que ao trocar, mover, excluir ou incluir a palavra já não é mais a mesma.

Figura 29 - Atividade de ligar as sílabas e construir palavras



Fonte: Autores (2024)

A quinta habilidade das etapas da consciência fonológica é a consciência fonêmica. Considerada a mais complexa, ela refere-se a capacidade de reconhecer fonemas, esta é a última etapa das habilidades, pois é necessário que as anteriores estejam bem trabalhadas no aluno para que agora seja desenvolvida de maneira satisfatória.

Figura 30 - Identificar sílabas iniciais, intermediárias e final

Identifique a sílaba intermediária	
ESCOLA	
Identifique a sílaba inicial	
CHUVA	
Identifique a sílaba final	
REPOLHO	

Fonte: Autores (2024)

Percebe-se que é possível identificar o som inicial, intermediário ou final de uma palavra. Além da combinação dos três ou mais sons para formar uma palavra, há também a mudança de um som, a adição, exclusão ou substituição, entre outros. Dessa forma, trabalhar atividades que contemplem as habilidades da consciência fonológica pode ser um agente facilitador para o aprendizado dos alunos.

Conclui-se que trabalhar todas as etapas da consciência fonológica na Educação de Jovens e Adultos é imprescindível para o desenvolvimento, especificamente da leitura e da escrita, pois atua diretamente na capacidade de identificar, perceber e manipular os sons da fala, sendo fundamentais para alfabetizar pois esta é uma estratégia eficaz para consolidar essa alfabetização da maneira que seja mais significativa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor orientações metodológicas para a alfabetização e o letramento de adultos e idosos buscou-se demonstrar importância de desenvolver uma prática alfabetizadora que valorize as singularidades dos alfabetizandos visando motivá-los a permanecerem assíduos na retomada do processo educacional, visto que eles já passaram por tantos obstáculos para retomar ao ambiente escolar.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível perceber que o processo de alfabetização de adultos e idosos exige uma abordagem diferenciada, levando em consideração a experiência de vida, as necessidades individuais e os contextos sociais de cada aprendiz. A metodologia de ensino deve ser adaptada de forma a considerar essas características, utilizando estratégias que promovam um ambiente de aprendizagem acolhedor, motivador e significativo.

As orientações metodológicas apresentadas indicam a necessidade de uma alfabetização que não seja apenas técnica (decodificação de símbolos), mas também que seja contextualizada com o cotidiano dos alunos, respeitando seus tempos e ritmos. O uso de práticas pedagógicas que integrem o letramento, ou seja, a capacidade de interpretar e produzir textos em diferentes situações sociais, é fundamental para o desenvolvimento pleno dos alunos.

Além disso, a formação contínua dos educadores é essencial para garantir a efetividade dessas metodologias. Eles devem ser preparados para lidar com as particularidades desse público, adotando práticas pedagógicas que sejam não só eficazes, mas também inclusivas, valorizando a experiência de vida e a autonomia dos aprendizes.

Portanto, ao adotar essas orientações metodológicas é possível proporcionar aos adultos e idosos uma alfabetização significativa, que não só os habilitem a ler e escrever, mas também a se apropriar de novas formas de interação com o mundo, ampliando suas possibilidades de participação social e transformação de suas realidades.

A relevância desse trabalho está pautada na concepção de que a alfabetização e o letramento caminhando juntos são fundamentais para promover a inclusão social e consequentemente a melhoria da qualidade de vida e a autonomia dos estudantes dessa modalidade; atuando também na construção de uma sociedade

mais justa e igualitária, tornando possível que esses alunos participem ativamente na vida econômica, social e política dessa sociedade.

Por isso, se faz necessário que o professor que deseja atuar nesta área, esteja apto a desenvolver uma abordagem pedagógica com estratégias específicas, eficazes e significativas que atendam a necessidade do público dessa faixa etária. Esse docente precisa compreender a particularidade desses alunos e que se diferem de alunos em outras modalidades; precisam compreender, por exemplo, que é de suma importância que considerem os contextos sociais e as experiências de vida de cada aluno para que o processo de ensino e aprendizagem seja mais adequado e acima de tudo, respeitoso.

A abordagem pedagógica deve ser específica para que o professor consiga contextualizar o conteúdo, trazendo o mais próximo possível da realidade dos alunos, além de utilizar recursos que facilitem esse processo e ajudando a manter o aluno engajado, respeitando seu ritmo e promovendo maior confiança.

O professor deve ter em mente que os alunos da EJA carregam suas histórias de dificuldades e frustrações com a educação escolar, logo, deve trabalhar visando motivá-los e encorajá-los, oferecendo um ambiente de aprendizagem mais seguro, e que dessa vez, valoriza o progresso individual, ajudando a combater a sensação de inadequação que muitos podem sentir.

Assim sendo, a alfabetização de adultos e idosos não está centrada apenas em um processo de ensinar habilidades básicas, está, na verdade, voltada a promover um ambiente em que todos tenham as mesmas chances de participar, crescer e se desenvolver; favorecendo a construção de uma sociedade mais equitativa, com menos barreiras sociais e maiores possibilidades para todos, contribuindo assim para uma maior justiça social.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, José Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) **Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações**. Campinas: Papirus, 2006.

ARROYO, M. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: SOARES, L. (org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, SECAD-MEC/UNESCO, 2006. p. 17-32.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 jul. 2024.

_____. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 23 jun. 2024.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5 a 8ª série: introdução. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

_____. **Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022**. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir a expressão "Estatuto do Idoso" por "Estatuto da Pessoa Idosa". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 25 jul. 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14423.htm. Acesso em: 26 jul. 2024.

CARVALHO, M. **Primeiras letras**: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares. São Paulo: Ática, 2007.

COM MAIOR QUEDA NA TAXA DE ANALFABETISMO DO PAÍS, MARANHÃO É DESTAQUE EM PESQUISA DO IBGE SOBRE ALFABETIZAÇÃO. **Governo do Maranhão**, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/com-maior-queda-na-taxa-de-analfabetismo-do-pais-maranhao-e-destaque-em-pesquisa-do-ibge-sobre-alfabetizacao/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

DIAS, Pâmela. A população mais alfabetizada no Brasil tem entre 15 e 19 anos de idade: apenas 1,5% deles não sabem ler e escrever. **O Globo**, 17 de maio de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/05/17/censo-2022-pessoas-com-65-anos-ou-mais-tem-taxa-de-analfabetismo-de-20percent-a-maior-entre-as-faixas-etarias.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2024.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de Jovens e Adultos no Brasil: questões face às políticas públicas recentes. **Em Aberto**, Brasília, v. 11, n. 56, out./dez. 2017.

FARIAS, Ana Márcia Ferreira de. Formação de Professores: implicações para o ensino da Língua portuguesa. *In*: MOURA, Denilda. **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: Edufal, 2008, p. 182-184.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização e cultura escrita. **Revista Escola**. Fala Mestre, mai. p. 28-30. 2003.

_____. **Reflexão sobre alfabetização**. 26. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein. *et. al.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Beatriz Cardoso. 4. ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da esperança**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes. Sobre a Consciência Fonológica. *In*: LAMPRECHT, Regina Ritter. **Aquisição Fonológica do Português**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência de Notícias**, 7 de junho, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em: 19 jun. 2024.

HADDAD, Sérgio. **Educação de pessoas Jovens e Adultas**. 30ª REUNIÃO DA ANPEd, 2017.

LIBANEO, José Carlos. **Buscando a qualidade social do ensino**. *In*: Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001, p. 53 – 60.

MARANHÃO É O ESTADO DO BRASIL COM MAIOR PERCENTUAL DE PESSOAS SEM INSTRUÇÃO, **G1**, 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/07/15/maranhao-e-o-estado-do-brasil-com-maior-percentual-de-pessoas-sem-instrucao.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-mobile&utm_campaign=materias. Acesso em: 5 de jan. 2025.

MARQUES, Bárbara Charlois. O processo de alfabetização de jovens e adultos. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em:

<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Barbara.pdf>. Acesso em: 11 Ago. 2024.

MONTEIRO, Benedito da Silva; MONTEIRO, Eliane Silva. **A importância da metodologia do lúdico na EJA no processo de ensino e aprendizagem**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, 2015.

NICODEMOS, Alessandra. Ensino de História na EJA: o legado da educação popular e os desafios docentes na formação do aluno jovem e adulto trabalhador. **Anais...** do XVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013.

RIBAS, Mariele Stiegler; SOARES, Solange Toldo. Formação de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. **Anais...** IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul-ANPED SUL. Caxias do Sul-RS: Universidade de Caxias do Sul, p. 01-16, 2012.

RODRIGUES, A. P. I. **Processos cognitivos e leitura estudo comparativo em crianças com e sem dificuldades na leitura**. 2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Necessidades Educativas Especiais) – Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SALVALAGGIO, Maria Aparecida Gallas. **Tecnologia e educação: da teoria à prática na EJA**. 2011. 62f. Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20339/2/MD_PROEJA_2012_IV_14.pdf. Acesso em: 16 jul. 2024.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Adeliane Mikaely Pereira Da. O trabalho com gêneros textuais: ferramenta imprescindível para o ensino de língua. **Anais IV SINALGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Bárbara Rocha. **Discursos pela Alfabetização: uma investigação dos sentidos em disputa**. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação BR, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro/RJ, 2019.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1999.

ZABALA, Antoni., **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. Da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.